

Gualberto Elias

Memórias

e

Relatos



Gualberto Elias

Memórias

e

Relatos

Torres RS
2008

Ele nunca fez o gênero engravatado, mas sempre teve aquela elegância de verdadeiro cavalheiro. Suas posses jamais lhe serviram para ostentar soberba, somente para colher a todos que, no decorrer dos anos lhe procuraram.

A humildade é sua marca principal.

Nasceu para servir ao próximo e faz do trabalho a fonte de sua juventude. Arredio a uma discussão e, em nome da paz, prefere concordar do que impor suas próprias vontades.

Numa casa de mulheres (a esposa e três filhas) não escolheu o lugar de chefe, como seria o normal, mas sim de companheiro, de amigo para qualquer hora.

As vicissitudes da vida, ele as enfrentou sem alarde, de forma natural, compreendendo sabiamente a pequenez do homem perante as leis de Deus.

Se começou cedo a batalha pelo seu próprio ganha-pão, nunca fez disso motivo para reclamações ou lamúrias, pelo contrário, encontra a felicidade em pequenas coisas, num sorriso de criança, num doce ou num afeto.

Tem lá suas paixões. Ah, a política... Vive-a com a esperança dos jovens, com o otimismo de que um dia o mundo será bem melhor.

Obrigado, esposo;

Obrigado, pai;

Obrigado, tio, sogro, vô, bisavô;

Obrigado, nosso melhor amigo.

Obrigado, Gualberto!

Rosane Elias de Oliveira

Agradecimentos

Com incentivo de Luiz Gonzaga Inácio, a colaboração do Wilson Marques, e juntamente com a filha Rosane, procurei deixar nesse modesto trabalho, algumas passagens da minha vida.

Gualberto Elias

Sumário

Infância	01
Escola	07
Imbituba	10
São José	17
Tubarão	18
Orleans.....	21
Retorno a Araranguá.....	23
Democracia	30
Praia Grande.....	42

Recordações

Infância

No dia 5 de maio de 1926, um dia após os festejos em honra à N.S. Mãe dos Homens, padroeira da cidade de Araranguá, SC, nasci. Minha casa ficava próximo ao Morro do Centenário, na Rua Magalhães, hoje denominada Engenheiro Mesquita.

Comecei a ter noção da vida aos quatro anos e meio de idade, quando transcorria o ano de 1930, e uma imagem ficou gravada na minha memória: a passagem de tropas da Brigada Militar do Rio Grande do Sul por minha cidade. Percorriam a pé, desde Torres à Araranguá, pela praia, que era a única interligação entre as duas cidades naquele tempo. Não havia outro caminho. Os soldados mostravam visíveis sinais de cansaço, e fome. Alguns, talvez por causa dos calos, descalçaram suas botinas, e os uniformes estavam surrados e sujos. Causaram-me má impressão. A intenção da marcha era chegar à Barranca, uma comunidade do lado esquerdo do Rio Araranguá, onde ficava a Estação Ferroviária Teresa Cristina.

Então, embarcariam no trem para Florianópolis, a fim de definirem sobre a tomada do governo federal, em que era presidente o paulista Washington Luiz.

As forças do Sul queriam o gaúcho Getúlio Dorneles Vargas na presidência, e, com a deposição de Washington Luiz, foi exatamente isso o que aconteceu. Nos quinze anos em que estive no poder, seu governo deu novos rumos ao progresso do Brasil, até que também foi deposto em 1945. Mas, em 1951 retornou ao poder através de eleição democrática, permanecendo no governo até 24 de agosto de 1954, quando foi traído pelo guarda-costas. O mesmo que havia sido seu peão na Estância de Itu, na cidade de São Borja, RS; então, acabou por suicidar-se.

Na revolução de 1923, um grupo de revolucionários "assistas" (assim chamavam os partidários de Assis Brasil) desceu pela Serra da Pedra, e chegou fazendo arruaças na localidade de Volta Grande hoje, Jacinto Machado. E meu pai, que gostava de aventura, andou provocando-os. Por isso, teve que fugir para Araranguá.

Como era simpatizante de Getúlio Vargas, aproveitou a ocasião para engajar-se nas fileiras da Brigada Militar. Lembro-me que fiz uma choradeira para que ele não fosse com os revolucionários, mas não adiantou. Ele foi.

Num outro momento, depois de mais de dois meses

passando fome e frio na Enseada do Brito, logo após o Morro dos Cavalos e Paulo Lopes, foram surpreendidos por alguns navios de guerra do Governo, que ainda estava no poder, e tiveram que recuar. Felizmente, dali a alguns dias, terminou a revolução.

Os familiares dos araranguenses engajados na Brigada recebiam suprimento alimentar, através dos Srs. Santo Vaccari e Nico Freitas. Mais tarde, os dois foram nomeados, respectivamente, a coletor e a escrivão na mesma repartição quando da criação da Exatoria Federal de Araranguá. Nunca se ficou sabendo quem pagava os suprimentos.

Meu pai, todo garboso, vestindo a farda da Brigada Militar com divisas de cabo, retornou ao lar.

A única coisa a lastimar é que ele não tenha aproveitado a oportunidade, já que estava engajado como policial militar, para mudar-se com a família para a capital gaúcha, como fizeram vários colegas de farda. Mesmo os que tinham pouco estudo transferiram-se, passando a trabalhar em Porto Alegre, até serem reformados como suboficiais ou oficiais. Assim, proporcionaram aos seus filhos melhores condições de vida e possibilidades de estudar.

Muitos deles se formaram em faculdades como engenharia, medicina, direito, e outros cursos superiores. Mas, meu pai decidiu ficar em Araranguá, uma cidade pobre, sem indústrias;

então, logo após a baixa, foi trabalhar de carpinteiro, sua antiga profissão.

Em Araranguá residíamos numa zona bastante apropriada para a prática de futebol, pois, além de plana, possuía lindos gramados. Bem próximo da nossa casa, meia dúzia de simpatizantes desse esporte fundaram o Esporte Clube União e, no centro de uma grande área de terra, definiram as linhas divisórias de seu campo.

Meu pai fazia parte desse grupo como encarregado de guardar os materiais esportivos; então, eu aproveitava para dar meus chutes, após os seus treinos. Lembro que eu, pequeno ainda, achava a bola pesada

As festas nos anos de 1920 a 1940 eram sempre abrilhantadas por bandas de músicas. Em minha cidade havia uma, a do maestro Serafim Silva, onde meu pai tocava trompete. Eram comuns as folias-de-reis, boi-de-mamão, pau-de-fita, carreiras de cavalo em cancha reta e as afamadas “domingueiras” no salão da dona Rosa, que se localizava na beira do rio, na esquina com a Rua Dr. Virgulino Queiroz.

Dona Rosa Fernandes era filha do coronel João Fernandes, um ilustre araranguense. Seu pai, através de voto popular, permaneceu como chefe do executivo municipal por trinta e dois anos ininterruptos.

Porém, no último pleito em que concorreu, perdeu. A diferença foi de apenas um voto, mas perdeu!

No entanto, seu adversário, o Sr. Porfírio Aguiar, que foi vereador por mais de uma gestão e também presidente da câmara, imbuído de inusitada atitude, abdicou da vitória.

Em frente ao salão de dona Rosa havia uns trapiches, no rio, onde se pescava tainha nos meses de abril a julho. Usava-se engodo com pedaços de polenta, e se iscava os anzóis com tiras de carne. Dava peixe de montão. O rio era limpo.

À margem do rio encontrava-se, ainda, a loja do lagunense Mário Bernardes. Na parede frontal de sua casa comercial, mandou desenhar uma grande cobra, como forma de fazer propaganda aos que passavam, e no seu “*outdoor*” estava escrito: “Não foi esta cobra que pegou o descuidado viajante! Entra e faz tuas compras!”.

Na mesma quadra, porém na outra esquina, num pequeno prédio de dois pisos, do Sr. Jorge Bacha, funcionava uma fábrica de “gasosas” deliciosas!

Ele também construía brinquedos em madeira, como carrinhos, bilboquês e piões, que eram, muitas vezes, doados à gurizada. Esse bondoso senhor, talvez por não possuir filhos, vivia “paparicando” a criançada.

Quanto às carreiras de cancha reta, elas se realizavam na Rua Engenheiro Mesquita - antiga Rua Progresso.

A cancha, propriamente dita, era formada de duas raias (pistas) que partiam das proximidades do Morro Centenário, e, seguindo numa linha reta, chegavam até a Rua Sete de Setembro, perto da casa onde residia o Dr. Ângelo Scarpa, juiz de direito da comarca, carioca e pessoa humanitária.

Eram sempre agitados os fins-de-semana em que haviam carreiras, devido às apostas que faziam os proprietários e outros apaixonados por cavalos; também por causa das “bitrucas” (cachaça) que eram vendidas nos botecos vizinhos à raia.

Numa dessas ocasiões, Domingos Casagrande, carreirista, e avô de Cláudio Porto presidente da empresa de ônibus NORTRAN, e meu patrão entre os anos de 1965 a 1980 em Porto Alegre meteu-se numa peleia, num tempo em que os homens costumavam portar facas e revólveres.

Acabou levando um tiro na boca, e claro, a bala saiu pela nuca. Mas, teve muita sorte! Escapou dessa, ultrapassou os setenta anos, sem nunca deixar de cultivar o hábito de manter os seus parelheiros (cavalos de carreiras) sempre bem tratados.

Escola

Lembro quando alcancei a idade escolar, meus pais matricularam-me no Grupo Escolar Professor David do Amaral, onde fui alfabetizado por dona Olga Rosa da Luz, minha primeira professora. O segundo, foi José Santos Maciel, o professor Juca, que costumava puxar as orelhas dos alunos quando não se comportavam direito. Diziam que agia assim por ter sido castigado dessa maneira quando criança. Acabou por ficar surdo. E também lembro de dona Maria Clara Ferreira, minha terceira professora.

Foram meus colegas: Eneval de Matos Palmas, Zélia Tournier e Domingos Silva filho de meu padrinho Procópio.

Procópio Caetano da Silva, assim se chamava meu padrinho. Ele gostava muito de ir à praia pescar a tainha conhecida como “corseira”, ou “do corso”, que ocorre no período entre abril e julho.

Numa dessas idas convidou-me para ir junto com ele e seus filhos, o Domingos e suas irmãs Dina e Maricota. Que maravilha! Eu iria conhecer o mar. Já estava com nove anos, e ainda não o conhecia. Este mar de tantas praias, e que alegra tanta gente.

Fiquei empolgado pelo convite. Queria partir logo! Mas o padrinho tencionava chegar à praia apenas no princípio da manhã, então, à noite, é que iríamos nos preparar para a viagem. Quando chegou a hora, fui logo ajudar a “cangar” os animais e a colocar a bagagem de roupas e mantimentos no carro-de-boi. Já passava da meia-noite quando saímos por aquelas estradas de areia em direção ao Arroio do Silva. Ao lado, ia o padrinho montado no “Bugre”, seu cavalo marchador. As moças viajavam no carro-de-boi; e nós, o Domingos e eu, íamos a pé, conversando e brincando.

Horas depois, logo que rompeu a aurora, avistei o mar. Meu Deus, que coisa linda! Fiquei pasmado em ver aquela imensidão de água. Jamais esquecerei minha euforia naquele passeio. Foi fascinante!

Ao aproximar-nos, seguimos em direção ao único rancho que havia à margem direita do arroio. Era de madeira com cobertura de palha e chão batido. Descarregamos nossos apetrechos e, mais tarde, as moças foram preparar o café da manhã.

O Domingos e eu fomos com o padrinho e sua tarrafa até o mar. Enquanto ele tarrafeava, nós levávamos o balaio, catávamos mariscos, e brincávamos com as tatuíras. O cenário propiciava-me grande deleite. Assim que o tarrafeador pegou

Umas tainhas e fomos tomar café.

Isso aconteceu na década de 1930. Hoje Arroio do Silva é uma cidade.

Imbituba

Em fins de 1936, a convite de Gualberto Apolinário Pereira filho do coronel Apolinário Pereira - primeiro deputado estadual araranguaense e reconhecido tribuno - fomos residir em Imbituba (“praia alta”, em tupi), uma vila portuária do município de Laguna, onde meu pai foi trabalhar no setor de marcenaria da Cia. Docas de Imbituba, que pertencia ao grupo presidido por Henrique Lage.

Passados uns dois meses, matricularam-me para estudar o próximo período letivo, numa escola que seria inaugurada por aqueles dias, num bonito prédio de dois pisos. Foi batizada com o nome de Escola de Educação Básica Henrique Lage, numa justa homenagem ao empresário naval e doador daquela obra. Esse homem era considerado como um “Onassis” na região.

Por coincidência, a diretora da escola era Carmem Seara Leite, também araranguaense, como eu. Conhecíamos-nos desde quando dirigia o grupo escolar onde me alfabetizei. E, transferida para essa nova comunidade, estava trabalhando nos preparativos para a cerimônia de estréia do novo estabelecimento de ensino.

Então, no pátio onde se realizariam as apresentações e uma missa campal, dirigindo-se aos seus colaboradores na organização da festa, rogou para que ninguém se sentisse enciumado pelo fato de que seria um conterrâneo seu o escolhido para, neste evento de inauguração, levar as almofadas onde se assentariam o casal Henrique Lage e Gabriela Benzanconi, benfeitores da escola. Este escolhido era eu o que me deixou imensamente orgulhoso.

Esta opção foi porque, assim como a escola, também nós éramos novos naquele lugar. Chegamos juntos: ela, para dirigir; eu, para estudar.

Lembro que fiquei muito contente naquele início de março de 1936. Eu tinha dez anos.

Porém demorei algum tempo para adaptar-me à nova querência. Sentia saudade da minha terra natal, da Maria Anunciata e seu irmão Eliseu, que eram meus amigos e vizinhos. Ele era meu companheiro de futebol e conhecido pelo apelido de “Priminho”.

Numa ocasião, jogávamos com uma bola confeccionada com essas meias de náilon, velhas, e, seu pai, o Dr. Ângelo Scarpa, juiz de direito da Comarca, de volta de uma viagem, trouxe-lhe de presente uma bola de couro, pequena, mas de acordo com nosso tamanho. Foi uma festa!

mas, como era o dono da bola, participava sempre do jogo e com direito de escolher a posição preferida.

Priminho, o meu sempre lembrado amigo de infância, queria ser aviador. Por isso, mais tarde, foi estudar no Rio Janeiro a fim de fazer o curso para ingressar na aviação. Formou-se engenheiro de bordo e numa de suas viagens noturnas, indo de São Paulo à Assunção do Paraguai, a aeronave em que era tripulante, infelizmente, sofreu um acidente sem que houvesse sobreviventes. Que Deus o tenha!

Depois de algum tempo, adaptado à realidade de Imbituba, fiz vários amigos entre os colegas de escola. Entre eles, o Licínio; o Apolinário, que em 1956 foi visitar-me na cidade de Praia Grande; Pedrinho; Cândido; Hamilton Jeremias, este último se transformou num grande jogador de futebol; o Abílio “Rabelonga”, meu mais chegado amigo. Ele não se importava de ser chamado por esse apelido, mas se queixava de sua situação financeira. Então, eu procurava convencê-lo a não incomodar-se com isso, mostrando-lhe que vivíamos situação parecida.

Nessa época funcionava um cinema num dos galpões do porto, no mesmo local em que depositavam cargas a serem transportadas pelos navios aos portos de Paranaguá, Santos, Rio de Janeiro, Vitória, Salvador e Belém do Pará. Era um ambiente rústico. A platéia acomodava-se em bancos de madeira. A projeção era em preto e branco, e não havia som: os filmes eram mudos, viam-se apenas figuras em movimento.

Mais tarde é que pudemos ver, então, em seções que ocorriam nas quartas e sábados, filmes produzidos com som. A grande maioria eram faroestes norte-americanos, com artistas como Buck Jones, Tom Tyler, Roy Rogers e seu cavalo Silver, e outros.

Como precisávamos de dinheiro para ir ao cinema, decidimos sair em busca dele. O Rabelonga e eu fomos engraxar sapatos dos marinheiros, dos viajantes na estação de trens, e dos soldados do Batalhão 14 BC de Ouro Preto que Getúlio Vargas havia transferido para o Sul, em substituição aos daqui, que, por sua vez, foram para o norte. Assim, deslocados das suas regiões, facilitaram o golpe de 1937. Além de engraxar sapatos, também carregávamos malas na estação.

No primeiro dia, aconteceu-me um fato interessante: um sujeito de uns trinta anos desembarcou do trem trazendo uma orquídea muito bonita. Ofereceu-me mil reis para entregar a tal flor para a filha do gerente geral da Cia. Docas de Imituba.

Atendi prontamente e fui levar a flor na residência desta senhorita. Ela mesma foi quem atendeu a porta. Era uma moça jovem e bonita! Ficou maravilhada com o presente. Então, pediu-me que aguardasse um instante para, em seguida, voltar sorridente com uma moeda de dois mil reis, e um lindo sorriso. Agradei pela gorjeta e, contente, guardei-a no bolso.

Tempos depois, fiquei sabendo que aquele moço, um engenheiro, casou-se com a simpática dama.

Quando retornei à minha casa e mostrei os três mil para a mãe, ela não acreditou. Como meu pai ganhava cinco mil réis por oito horas de trabalho, então, ela pensou que eu tivesse feito alguma trampolinagem para conseguir aquele dinheiro. Só convenceu-se depois de me ouvir explicar, minuciosamente, como aconteceu. E assim, com o resultado desses biscates, é que conseguíamos freqüentar o cinema.

No porto de Imituba somente atracavam navios de bandeira brasileira. Traziam seus nomes gravados no casco. Lembro do Itajubá, Bahia, Rita Maria, mas, de modo particular,

do Bonsucesso, de que jamais esquecerei, pois deixava a população sobressaltada cada vez que aparecia.

As pessoas ficavam desassossegadas quando o avistavam no mar, pois já sabiam que sua tripulação era constituída de marinheiros desordeiros, que assim que desembarcavam, iam para os bares “encher a cara”. Bêbados, passavam a desrespeitar todo mundo, até mesmo os policiais, tanto que cometeram o assassinato de um deles.

Chegaram a ser perseguidos, mas, atirando-se ao mar, fugiram nadando até o navio. Nunca soube de alguma punição por esse crime.

Noutra ocasião, meu amigo Rabelonga e eu vendíamos doces num circo instalado na cidade. Conhecido como Circo Nove Irmãos, viajava por toda a América do Sul apresentando seus espetáculos. Além de faturarmos uma grana, também divertíamos-nos assistindo aos shows dos malabaristas, palhaços e animais ensinados. No entanto, aconteceu que alguns dos baderneiros do Bonsucesso, embriagados, entraram no circo e destruíram quase tudo. E dessa vez a polícia levou a melhor: mataram um dos marinheiros.

O Rabelonga e eu fugimos por baixo da lona. Apenas no dia seguinte fomos devolver os tabuleiros e acertar as contas.

A casa onde morei estava localizada no lado norte do

porto. Ali, ao contrário do lado sul, o mar era sempre mais calmo, o que facilitava visualizar os navios que chegavam e saíam no porto.

Na beira da praia havia muitos barracos de pescadores. Num certo dia de junho de 1937, entraram mar adentro em suas canoas e lançaram suas redes n'água para pescar tainha. Desde o local de onde saíram, até o ponto aonde chegaram, formou-se um grande meio-círculo na praia. Várias pessoas ajudavam: umas segurando as cordas que prendiam as redes na saída da canoa; outras tantas, puxando as redes quando retornavam.

Foi impressionante a quantidade de peixes! O lance foi calculado em mais de cinquenta mil tainhas. E como não possuíam condições para tanto armazenamento, contrataram um caminhão para levar mais da metade do pescado para os frigoríficos de Laguna.

Todos que ajudaram foram recompensados com peixes, inclusive eu, com apenas onze anos, fui agraciado com meia-dúzia de tainhas grandes.

Nessa época, não havia nenhuma restrição de pesca às baleias, não se tinha consciência do que pudesse significar pesca predatória. Os animais eram perseguidos, principalmente, quando vinham da Antártica, em busca de águas mais quentes para dar à luz os seus filhotes.

Quando avistadas da praia, munidos de cabos e arpões, os pescadores rapidamente se lançavam ao mar em seus barcos, até alcançá-las. Então, eram arpoadas sem piedade, e, presas ao longo cabo, agonizavam até a morte. Depois, arrastavam-nas até a praia, onde vários panelões, quentes, aguardavam sua carne, que ia sendo cortada em pedaços por um mutirão de gente.

Vai buscar lenha, guri! alguém gritava.

O fogo conservado forte, intenso, ia transformando tudo em graxa, que era exportada posteriormente.

Era horrível conviver com esse tipo de coisa! Por vários dias, permanecia a sensação de ouvir o grito sofrido das pobres baleias. Triste espetáculo!

A compaixão só era amenizada quando íamos pescar siri nos destroços de um navio naufragado havia anos, próximo à praia.

Cada pescador providenciava sua “coca”, um artefato simples, confeccionado com um pequeno pedaço de rede de pesca, costurado frouxo para formar um saco, num aro de arame grosso. Deste modo, estava pronta a coca (assim chamada, no Rio Grande e Santa Catarina; já no norte e nordeste do país é conhecida como puçau ou jereré). Para atrair siris, amarrava-se no centro qualquer refugio de carne ou tripas de galinha como isca.

Aquela era mesmo uma época de fartura, pois, em pouco tempo, enchíamos uma lata de siri. E de volta a casa, estava feita a festa!

São José

No final de 1937, após dois anos em Imbituba, a construtora do Sr. Rampinelli, com quem meu pai trabalhava, contratou a obra de construção da casa paroquial da cidade de São José em frente à capital do Estado. Então, para lá nos mudamos.

Fomos morar numa casa próxima ao mar, por um período de apenas quatro meses, mas, como estava começando o verão, muito bem aproveitados. Além dos passeios a Florianópolis, que eram feitos de barco, pois não havia ônibus naquela época, eu costumava pescar quase todos os dias, de cima das pedras. Ótima forma de variar o cardápio! Outra coisa boa, é que acabei por aprender a nadar, tantas eram as horas que ficava dentro d'água. Água transparente. Naqueles tempos, não se ouvia falar em poluição.

Tubarão

Concluído o compromisso na cidade de São José, arrumamos nossas coisas, desta vez rumo à cidade de Tubarão. Acompanhamos a construtora, a qual firmou um contrato para fazer reformas e melhorias no Colégio São José instituição fundada em 1895 por freiras da ordem da Divina Providência. Lá, matriculados pelo pai, meus irmãos e eu fomos estudar.

Fui aluno de Marta Wolowiski, Maria Amélia Régis, Inêz Faraco, e da Irmã Isidora minha melhor professora. Era muito simpática, competente, com um jeito todo especial para cativar seus alunos.

Lembro de colegas, como: Zenir Pizzolati, Ígia de Pata, Maria Laura Medeiros, Bernardete Bertoncini, Maria Lumertz, Dalma Oliveira, Nelson Bitencourt, José Freitas, Írio Bez e do João Melo este morava do outro lado do rio, na margem esquerda, numa casa rodeada por uma extensa roça de milho e por um laranjal; por isso, tinha que atravessar de canoa para chegar ao colégio. E também o João dos Santos, um negrinho, carioca malandro, que nos suplantava em quase tudo. Além de bom ator, tinha vivência de cidade grande. Era da capital do Brasil, pois o Rio de Janeiro foi capital de nosso país até 1960. Veio para cá com uma família de sobrenome Mota, que o adotou.

Logo no primeiro ano fiz a primeira comunhão. Caprichava nos estudos! Tinha grande admiração por Irmã Isidora e sua profunda religiosidade. Um dia, na hora do recreio, contou-me sobre uma menina que havia sido trazida ao internato pelo pai, originária da costa da serra, no município de Araranguá, e que

chorava muito.

Ao voltar para casa, contei para minha mãe sobre a nova aluna e ela me sugeriu procurar saber de qual localidade veio a menina. No outro dia, Irmã Isidora disse-me que era de Praia Grande.

As professoras, de vez em quando, levavam seus alunos a passear por vilarejos no interior do município. Eram piqueniques agradáveis, que nos proporcionavam conhecer localidades como: Passo do Gado, Madre, Morretes, entre outros. Cada um levava seu lanche, para depois saboreá-lo coletivamente entre brincadeiras e algumas encenações teatrais. Nesses momentos, sobressaía-se o nosso colega João dos Santos, o negrinho carioca, pois sabia interpretar qualquer papel que lhe davam.

Transcorria o ano de 1939. Um estudante do curso fundamental chamado Renato, o Natinho, foi autorizado a entrar em contato com a direção do Grupo Escolar Hercílio Luz para promover um confronto esportivo entre os alunos do quarto ano. Quase todos gostavam de futebol. A partida seria realizada dia sete de setembro, juntamente com as festividades do dia da Independência. Depois de tudo acertado, sob orientação do Natinho, treinamos intensivamente por uns sessenta dias. Não queríamos “fazer feio” na preliminar entre os dois educandários, pois, nessa data, haveria o confronto entre o “Barriga-Verde”, de Laguna, e o “Hercílio Luz”, de Tubarão.

A gurizada jogou com muita garra. Alguns dos atletas eram: Nelson Bitencourt, centro-avante; José Freitas, meia-direita; Eduardo Belina, goleiro; João dos Santos e José de Melo, auxiliares na defesa. Eu jogava pela esquerda, como meia-deligação. Dos adversários, lembro apenas de dois: o Nauro Colaço, que mais tarde viria a se formar em advocacia, chegando a ser desembargador; e o goleiro Ibanez Balsini, que cada vez que nos

encontrávamos, lamentava-se por ter sofrido o único gol daquela partida o gol feito por mim.

Nesse embate, saímos vitoriosos com o resultado de um a zero. Fomos recepcionados com uma mesada de doces e refrescos pela nossa torcida, que era formada pelas freiras, professores, e quase todos os alunos do colégio. Ficamos todos muito contentes.

A cidade de Tubarão desenvolvia-se. Então, deram início à construção da primeira ponte no perímetro urbano. Hoje existem cinco, sem contar a da Br 101. As duas centrais chamam-se Dr. Nereu Ramos e Heriberto Hulse.

Orleans

Graças à construção da Br 101, Araranguá também ganhou uma ponte no bairro Cidade Alta, em 1955. Hoje está com mais de cinquenta anos e a região continua infelizmente desprezada pelos governantes.

Logo que iniciou o ano de 1940, meu pai empreitou a construção de uma casa para o Sr. Vidal Pereira Alves, exator estadual na cidade de Orleans. Então, nova mudança. Fomos para Orleans, onde permanecemos todo aquele ano.

Seu Vidal era casado com a senhora Laura Pizolati, tia da Zenir, uma colega de colégio. Seus filhos Ivan, Janete, Claudete e Iram foram meus primeiros amigos na cidade. O Iram formou-se em medicina, indo clinicar em Joaçaba, onde permaneceu até o dia em que se aposentou.

Em Orleans, para continuar meus estudos, matricularam-me no Colégio Costa Carneiro, onde tive aulas com os professores José Figueiró de Siqueira, Bogdana Angulski e Zulmira Arantes, irmã do primeiro aviador catarinense, capitão Asteróide Arantes.

Foram meus colegas: Gení e Patrício Medeiros; Osvaldo Cordini; Luiz e Otávio Bertoncini, primos de Bernadete, uma colega do Colégio São José; Francisco Zomer, que conseguiu chegar a ser presidente das Lojas Zomer, e prefeito da cidade; Maria de Lurdes Bitencourt; Júlia Dutra e Hélio Pizolati, que por serem mais populares, ficaram gravados na minha memória.

Jogávamos futebol quase todos os dias no campo do Esporte Clube Conde d'Eu, um estádio todo cercado. Isso me

dava bom preparo físico.

Com o término da construção da casa do seu Vidal, então, meu pai foi trabalhar na cidade de Urussanga, na residência de um senhor da família Vaccari, que era irmão do Seu Santo o mesmo que, em Araranguá, distribuía alimentos aos que se incorporaram nas fileiras da Brigada Militar gaúcha, na revolução de 1930.

Certo dia, antes de sair, meu pai determinou que eu fosse até Urussanga, em meados da semana, a fim de buscar algum dinheiro para a mãe fazer as compras domiciliares.

São vinte e cinco quilômetros de distância entre Orleans e Urussanga, e, na época, além não existirem linhas de ônibus, também era raro o tráfego de automóveis. Mas, por sorte, consegui uma çarona numa camioneta Chevrolet 1935, do senhor Patrício Pizolati, que ia para Criciúma. Assim, cheguei à pensão em que ficava meu pai.

No outro dia, acordei cedo, e, depois do café-da-manhã, iniciei o percurso de volta. Aproveitei bem o meu preparo físico. Caminhava acelerado, correndo algumas vezes, e, em apenas três horas, concluí essa distância que corresponde a mais de meia-maratona.

Quando chequei em casa, minha mãe perguntou com quem eu tinha vindo. Ficou surpresa quando lhe respondi que foi correndo com as minhas próprias pernas.

Retorno a Araranguá

Assim que meu pai encerrou suas atividades em Urussanga, e após peregrinar por quatro cidades durante cinco anos, enfim, retornamos ao meu sempre lembrado Araranguá. Tínhamos uns quantos parentes na cidade, e outros tantos no interior. Visitávamo-nos de vez em quando, e lá, sentíamo-nos mais seguros. Nessa época, já haviam se passado dois anos do início da segunda grande guerra. O alemão Adolf Hitler tentava dominar o mundo. Vivíamos apreensivos por isso.

Sendo início de ano letivo, ingressei no último ano do curso complementar, que mais adiante foi equiparado ao ginásial e ali concluí o “curso superior” que existia na cidade.

Durante o período no colégio onde fora anteriormente alfabetizado, reencontrei uma das professoras que me iniciou nas letras, a saudosa Maria Clara Ferreira, além dos professores Hermínio Brollo, um paulista, Moacir de Oliveira e Liege Costa de Bem, a qual lecionava francês. Também reencontrei alguns colegas da época em que iniciei meus estudos. A professora Maria Clara, que gostava e incentivava os alunos a praticarem esportes, estimulava inclusive o Dário, seu filho mais velho, que era muito bom de bola. Ela deu a idéia para formarmos uma equipe onde estivessem incluídos para jogar também aqueles que não estudavam. Era um meio de atrair esta gurizada para a escola.

Nossos adversários também eram treinados por outro bom de bola, o Francelício Guimarães, apelidado de Filhinho. E no primeiro encontro, como não conheciam minhas habilidades,

eu tive oportunidade de marcar três gols. Isso causou grande euforia à nossa torcida, formada por estudantes. E no final do jogo, quando já estávamos saindo do estádio, o tal Filhinho, quando passou por mim, disse-me: “No próximo encontro tu vais me pagar!”.

Dito e feito! Ele mandou buscar no Turvo, um reforçado italiano, que trabalhava numa padaria com os pais, só para me marcar. De fato, não deixou que eu fizesse nenhuma jogada.

Na década de 1950, esse italiano chamado Alírio Guidi, conhecido como Quitandinha, tornou-se um dos melhores jogadores sul-catarinense.

Minha vida foi cheia de altos e baixos. Comecei trabalhando de engraxate. Depois, na época em que se viajava de trem, fui carregador de malas, e, mais tarde, quebrador de pedras, numa pedreira de basalto. Como até 1938 não havia máquinas para britar pedras (britadores), então, eram quebradas a marretada, até transformarem-se em paralelepípedos e britas, para a pavimentação de ruas e construção de prédios, como o das Casas Pernambucanas, Lojas Mussi, Calçados Tonon e Lojas Leão, na cidade de Tubarão.

Na minha terra natal, a inesquecível Araranguá, como eu queria ter meu próprio dinheiro, ganhar a vida, fui trabalhar na loja e armazém do Sr. Antoninho Procópio. Além de lidar com o comércio em geral, enviava farinha de mandioca para o Estado do Rio de Janeiro. Por isso, na ausência do carroceiro, o saudoso amigo João Santelena, eu mesmo, apesar de pouca idade, entre quatorze e quinze anos, conduzia cerca de dez viagens por dia, numa carroça puxada por uma parrelha de cavalos chamados “Periquito e Sossego”.

A cada viagem, eram transportadas quinze sacas de farinha de cinqüenta quilos cada, totalizando setecentos e cinqüenta quilos. No final do dia, depois de atravessar a balsa, os sacos eram amontoados na outra margem, e daí para os vagões do trem Dona Teresa Cristina, que os levaria para o Rio de Janeiro.

Estudei até o final de 1941 no Grupo Escolar David do Amaral. E, concluído o Curso Complementar, estava, assim, apto para receber o “canudo”. Nessa época, era praxe nas formaturas o uso de trajes confeccionados em casimira “Aurora” uma *granfinagem* desmedida. Minha condição financeira não permitia esses luxos, então fui conversar sobre isso com o diretor, o professor Teodósio M. Wanderlei. Além de ser ótimo professor, conhecia a condição financeira de seus alunos. Ele tranqüilizou-me dizendo para que não me preocupasse, pois a formatura iria ser bastante simples naquele ano. Sugeriu-me comprar um modesto traje de brim, de cor branca, uma gravata, e nada mais.

A festa de entrega dos “diplomas” ocorreu no Clube Fronteira. A presença de familiares e convidados lotou suas dependências. E após os cumprimentos e abraços, um grande baile coroou a programação. Assim, concluí o Curso Complementar, que hoje em dia equivale ao ensino médio.

O professor e diretor Teodósio valorizava com grande entusiasmo os alunos que concluíam o Curso Complementar. Tanto que, nesse ano, como premiação aos formandos, ele conseguiu o patrocínio de uma viagem no trem Dona Tereza Cristina, até Imbituba na época, distrito de Laguna. Fomos hospedados em casas de famílias. Eu fiquei na residência de um casal muito bom, que me tratou com muita mordomia.

Lá, visitamos o porto, as praias Sul e Norte, e as indústrias de cerâmica as primeiras instaladas no sul de Santa Catarina. Só mais tarde é que foram implantadas as que hoje conhecemos com grande produção de azulejos e pisos, principalmente em Criciúma.

Continuei trabalhando na firma do Antoninho até fins de julho de 1942. No mês seguinte, por intercessão de minha mãe, fui convidado pelo Sr. Moysés Borges Furtado, meu vizinho, para trabalhar na nova agência do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A. (INCO). Estaria sendo inaugurada em fins de setembro daquele ano. Relutei um pouco para decidir, pois o Antoninho me fez várias propostas para que eu permanecesse trabalhando com ele. Eu não possuía nenhum capital, mas ele insistia em dizer que aprovava muito minha responsabilidade e dedicação ao trabalho, e, futuramente, poderíamos ser sócios. Causou-me pesar ter deixado aquele patrão amigo em 1º de agosto de 1942.

Ingressei no INCO para realizar tarefas como: varrer e passar pano úmido no piso, retirar pó das escrivaninhas, cuidar para que não faltasse tinta nos tinteiros, colocar penas nas canetas e substituir os mata-borrões de todas as carteiras de atendimento aos clientes. Mais ou menos o que faz o *office boy* atualmente.

Apenas ficava um pouco constrangido, nas sessões de limpeza, quando tinha que limpar duas placas de latão que ficavam nas laterais da entrada daquele estabelecimento bancário. Nessa época, como quase todo adolescente, eu dava algumas olhadelas nas estudantes que passavam por ali. Algumas riam de mim por estar faxinando. Mas não durou muito este incômodo, pois, passados uns noventa dias, deixei de fazer entrega de

correspondência na praça, serviço de limpeza, arquivos, etc. O movimento da agência vinha aumentando progressivamente desde a sua inauguração e, ao perceberem que eu possuía as condições necessárias para assumir um cargo de maior responsabilidade, foi contratado outro jovem para substituir-me, Henor Wendhausen, que mais tarde transferiu suas funções ao colega Dodemar de Oliveira. Desta forma, assumi a chefia da Carteira de Empréstimos da agência. Nessa época, além de mim, faziam parte do quadro de funcionários: Donald Ribeiro Martins, Procópio Silva Júnior, Urbano Grechi, Valmor Pacheco, Moysés Borges Furtado contador, e Afonso Ghizzo gerente.

No mês de fevereiro de 1943, um pouco a contragosto, ingressei no Tiro-de-Guerra 372 (escolas de instrução militar destinada aos que querem obter certificado de reservista do Exército, sem ser incorporado às unidades e subunidades regulares). Nessa época, eu tinha muita vontade de ingressar no exército, sonhava em fazer carreira militar, chegar a oficial. Mas, a pedido de meu chefe, optei por colaborar engajando-me na formação de um grupo que deveria ter, no mínimo, quarenta componentes para que pudesse ser constituído. E este número só foi alcançado graças à inscrição de alguns jovens do então distrito de Meleiro.

Tão logo foi legitimado nosso Tiro 372, recebemos as fardas verde-oliva e o borzeguim com perneiras. Apresentamos para a iniciação aos conhecimentos e aos exercícios militares. Os treinamentos eram praticados todos os dias a partir das quatro horas da tarde, durante onze meses.

Eram comum as instruções, tanto de campo como de caserna, terminarem à meia-noite.

Em dezembro de 1943 chegou à Araranguá, procedente da 5ª Região Militar de Curitiba PR, um tenente de sobrenome Ximénez, com a incumbência de realizar os exames de conclusão do período militar. Então, em meados de janeiro de 1944, concedeu a cada atirador o certificado de Segunda Categoria, ao mesmo tempo em que dizia que suas ordens eram para aprovar a todos, pois estávamos sujeitos à convocação. Se isso ocorresse, iríamos fazer parte do contingente da FEB (Força Expedicionária Brasileira), onde já se encontrava o pracinha Iraci Lucchina, meu conterrâneo, que acabou morrendo num campo de batalha italiano. Graças a Deus que em maio de 1945, terminou a guerra!

Nosso instrutor foi um militar com patente de primeiro sargento, natural do Estado de Goiás. Era analfabeto quando ingressou no exército, mas, com grande esforço, conseguiu estudar e alcançou o posto de primeiro tenente. Possuía um ótimo conhecimento de história do Brasil. Ele participou de um programa chamado “Seu Talento Vale Um Milhão”, realizado pela Rádio Farroupilha, e conquistou o prêmio máximo ao discorrer sobre o alferes Tiradentes, grande vulto da nossa história.

No ano de 1962, já residindo em Porto Alegre, fui surpreendido na Rua da Praia por uma voz conhecida que chamava pelo meu antigo número no Tiro de Guerra, o dezessete. Voltei para trás, e avistei o meu sargento instrutor, de 19 anos atrás, numa farda de oficial. Então nos abraçamos e o parabenizei pela realização do seu grande sonho. Várias vezes ele já havia dito que só deixaria o exército na categoria de oficial. Penso comigo que mostrou ter capacidade, pois chegou a reformar-se como primeiro tenente. Fiquei sabendo que, lá pelos anos setenta, foi residir na cidade de Laguna.

Era um homem de personalidade forte. Na época, quando

Se realizavam os pomposos bailes abrilhantados porreconhecidas orquestras como: Cassino de Sevilha, Norberto Baldauf, Orquestra Tabajara, e outras tantas, apresentava-se sempre trajando uniforme de gala para demonstrar suas habilidades como dançarino. Teve várias companheiras, mas, pelo que se sabe, nunca casou. Viveu os seus últimos dias na cidade Laguna, com a que mais amava.

De Laguna, vieram para Araranguá os amigos Armando Paladini, João Júlio, Luiz Bochecha, Dr. Agenor Viana Carneiro e Ramiro Ulisséia, um rábula especializado em inventários, e também o criminalista Dr. Arno Duarte e sua esposa Tereza Queiroz, que foram padrinhos de batismo de minha filha, Ronete.

Democracia

Nas eleições de novembro do ano de 1945, o Dr. Agenor Viana Carneiro, como delegado da União Democrática Nacional (UDN), nomeou-me fiscal de uma seção eleitoral na Vila Santa Rosa, distrito de Sombrio, hoje emancipada com o nome de Santa Rosa do Sul.

Sombrio, por sua vez, era um distrito pertencente ao município de Araranguá, vindo a emancipar-se após oito anos, no dia 30 de dezembro de 1953, pela lei número 133; da mesma forma Santa Rosa do Sul, esta pela Lei nº. 1109, em 04 de janeiro de 1988. Após quarenta e três anos de minha experiência em trabalhos de fiscalização eleitoral.

Essa missão, orientada pelo Dr. Agenor, pessoa tão ilustre, jamais será esquecida. O auto-de-praça (táxi) que nos levou pelas “estradas-de-carro-de-boi”, deixou-nos às oito horas no local uma escola pública onde acolheríamos os eleitores votantes.

Trabalhamos o dia inteiro nessa seção eleitoral e, no encerramento das nossas atividades, eis que nos chega um mensageiro, montado a cavalo, para nos avisar que o automóvel que nos levaria de volta havia quebrado. Naturalmente que não recebemos de bom grado esta notícia, mas, mesmo assim, incentivei o nobre advogado para que fizéssemos a pé o percurso até Sombrio.

São apenas dez quilômetros eu disse. Então, pegamos nossas coisas e metemos o pé na estrada, arenosa e cheia de espinhos.

E pude constatar nessa caminhada que ele nunca chegaria a ser um maratonista, tal era seu despreparo. Levamos quatro horas para chegar a Sombrio e daí, de automóvel, à Araranguá.

Felizmente, nas vezes em que fui solicitado pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE), sempre colaborei e pude desempenhar bem os trabalhos nas mesas eleitorais. Nunca houve nenhum problema nas seções em que fui designado para secretariar ou fiscalizar os pleitos. Nestas ações, que nos são permitidas pela democracia em que vivemos, já com oitenta anos de idade tive o prazer de presidir uma seção eleitoral, na cidade de Torres - RS, nos dois turnos realizados no pleito de 2006.

Também participei nas localidades denominadas Morro Grande e Praia Grande; ambos, distritos do Município de Turvo - SC, hoje emancipados. Morro Grande possuía, na época, umas duas dezenas de casas, uma escola, atafonas para moagem de grãos e uma sortida casa comercial do Sr. Abel Olivo, pai de um dos prefeitos do município de Turvo.

Nas décadas de 1940 a 1960, Praia Grande era uma das regiões que dava certa preocupação no período eleitoral. Isso porque muitas pessoas costumavam portar suas facas, de cabos prateados; outros, até revólveres. Então, nessas ocasiões, a paciência e a diplomacia eram virtudes necessárias, em função da acirrada rivalidade partidária.

Numa eleição ocorrida em fins de 1948, tive que viajar até lá para orientação daquele pleito.

Tudo transcorria normalmente até pelas dez horas da manhã, quando fui chamado para intervir no desentendimento ocorrido entre dois senhores personalidades de projeção. Um era o Intendente Municipal e o outro, o Subdelegado.

Armados de revólveres, ameaçavam um ao outro. Coloquei-me entre eles com medo, mas, falando-lhes das conseqüências que poderiam causar se chegassem a consumir seus propósitos, consegui convencê-los a desistirem da peleia. Depois desse episódio nos tornamos grandes amigos. Mais tarde, inclusive, acabei casando com a sobrinha de um deles, enquanto que o outro foi um dos companheiros e colaborador na criação e construção do Colégio Bulcão Viana.

Também prestei assistência na seção eleitoral de Passo Magnus localidade do distrito de Passo do Sertão na primeira eleição para Prefeito do município de Sombrio SC.

Na ocasião, cheguei um pouco mais cedo a fim de conversar com as lideranças locais, que haviam estado reunidas na noite de véspera, os senhores: Natalino Sala, Dimas Coelho e Olírio Cardoso. Segundo informações, estavam muito preocupados, pois era voz corrente na região que certo morador ameaçava fazer o que fosse preciso para tornar nula aquela seção.

Diante disso, já que o Dimas e Olírio possuíam caminhões, concluímos que a melhor decisão que poderíamos tomar seria transportar o maior número possível de eleitores para Sombrio. Dessa forma, votariam em separado na sede do novo município.

Essa urna de Passo Magnus contava com aproximadamente cento e sessenta eleitores. Mas como a maioria viajou para cumprir com o seu dever de cidadão, na sede do município, então, votaram apenas cerca de quarenta eleitores nesta seção inclusive o metido a valente.

Um detalhe interessante: naquele tempo, as eleições eram realizadas com cédulas avulsas. Por esse motivo, obrigatoriamente, havia cédulas de todos os candidatos nas

cabinas. Porém, muitos eleitores optavam por trazer as suas, devidamente preenchidas, antecipadamente.

Ao meio-dia, os partidos ofereciam fartos e suculentos churrascos a todos. Que carnes saborosas!

Entre meus colegas bancários, apenas eu praticava esportes. Continuei treinando futebol na Associação Atlética Barriga-Verde hoje, Grêmio Fronteira. Fiz parte de uma equipe de amadores a quem os simpatizantes chamavam de “Caveiras”, tal a magreza esquelética de atletas como: Bileco, Gafanhoto, Edu, e Francelício este apelidado de “dançarino incorrigível”, porque sempre que estava com a posse da bola, apenas driblava os adversários, o tempo inteiro sem ir ao gol ou passá-la aos colegas.

Em 1948, fundamos o Grêmio Esportivo Araranguense e ingressamos na LARM Liga Atlética da Região Mineira. Nossos adversários eram os times da redondeza, e, coincidentemente ou não, nessa ocasião sofremos várias derrotas. Felizmente, veio juntar-se a nós o tenente Pedro Avelino uma dessas pessoas que serviu na FEB, e titular responsável da Junta Militar do Vale do Araranguá. Experiência não lhe faltava, pois havia sido técnico do América do Rio de Janeiro. Com suas novas orientações, melhoramos muito em nossas competições.

Estava sendo iniciada a demarcação e construção da estrada BR 101 aqui no Sul. Por isso, a cidade acolheu vários engenheiros e topógrafos, e passou a ser sede dos trabalhos que foram realizados até o rio Mampituba, na divisa com o Rio Grande do Sul.

Entre os topógrafos havia um chamado Fernando, ex-atleta do Botafogo do Rio de Janeiro, o qual, ao conhecer nosso majestoso estádio, prontificou-se a fazer parte de nosso plantel.

Nós o aceitamos, e após noventa dias de preparação, atendendo seu pedido, marcamos um jogo com o Urussanga, o melhor esquadrão do Sul do Estado.

Na viagem de ida, quando nosso ônibus parou para lancharmos no Café São Paulo, em Criciúma, houve uma gozação por parte dos que ali se encontravam, inclusive chegando a dizer que iriam assistir ao jogo só para ver o balaio de gols que tomaríamos. E, realmente, ao entrar em campo notamos grande número de pessoas vindas de Criciúma, sendo visível o ar de deboche em seus semblantes.

Todos nos compenetrámos desde o momento inicial do jogo. Sob as orientações do colega Fernando, aos mais ou menos quinze minutos de jogo, conforme éramos acostumados nos treinos, cruzei a bola para ele, que tinha um chute forte e certo, marcando o nosso primeiro gol. E assim ficou até o término do primeiro tempo.

Após o intervalo, retornamos com a mesma garra ao gramado para o segundo tempo, mas pelos trinta minutos eles conseguiram empatar. E continuamos disputando o jogo até que, aos quarenta minutos, Fernando marcou novamente, selando desta forma a nossa vitória. Levantando os olhos para a torcida, notei que o pessoal da Capital do Carvão já havia ido embora.

De volta, paramos no mesmo bar só para ver a cara deles. Resmungavam e queriam saber como conseguimos aquele jogador. Nosso Grêmio, em 1952, chegou a ser vice-campeão estadual.

Tempo bom era aquele em que não existiam as drogas de hoje. Levava-se uma vida sadia, sem vícios. As diversões eram os cinemas, as matinês aos domingos onde se procurava sempre ir acompanhado de uma namoradinha.

E aos finais de semanas eram promovidos os bailes, tanto nos arrabaldes como no Clube Fronteira, que eram os mais requintados, sempre abrilhantados por renomados conjuntos, a exemplo do Norberto Baldauf. Deste, fazia parte o conterrâneo Vitor Canela, o Vítinho.

A vida não é só alegria. Aos vinte e um anos de idade perdi meu pai. Passei, então, a ser responsável por minha mãe e meus dois irmãos.

Graças ao meu emprego e ainda com a ajuda de meu pai, enquanto vivo, construímos uma residência modesta, mas acolhedora. Como a cidade não oferecia condições de trabalho, meus irmãos viviam às minhas expensas. Sempre fui de muita fé, tendo como madrinha Nossa Senhora Mãe dos Homens, padroeira de minha cidade natal, que sempre, nas horas mais difíceis e amargas, protege-me.

Em março de 1948 aconteceu-me um fato interessante: como era costume ir à matinê no Cine Roxy aos domingos, com amigas ou namoradas, combinei de ir com uma amiga. E fiz isso por telefone. Embora de forma precária, já existia este meio de comunicação.

Ao chegar ao cinema, eram duas moças, muito amigas. Ao sentarmos, coloquei-me ao lado daquela com a qual tinha combinado, e com quem tinha mais intimidade. Mas era com a outra, de vez em quando, que trocava algum cumprimento. Sabia que lecionava no Colégio Castro Alves, era normalista, então tinha que respeitar: Onde já se viu um “primarista” querer namorar professora?!

No dia seguinte, segunda-feira, quando vinha para o trabalho,

faltando mais ou menos quinze para uma hora da tarde, fui interpelado pela professora, que me perguntou: “Como é?!... Marcaste com o Sebastião para ir à matinê comigo, e me deixas com a cara no chão sentando ao lado de outra? Tão pasmado fiquei, e completamente sem jeito, só pude dizer: “Então, vamos domingo próximo!”

Mais tarde tomei ciência de que o Sr. Sebastião e sua esposa, proprietários da casa onde ela se hospedava, costumavam tecer elogios a meu respeito à professora, sem que eu soubesse, já que nunca me contaram.

Começou, dessa maneira, um namoro e, aos poucos, fomos conhecendo-nos melhor. Soube, então, que a estudante do Colégio São José que chorava muito, e diziam ser minha conterrânea, na qual mencionei no começo do livro era a própria. Então, entre cineminhas e alguns bailes o namoro firmou, até nos tornamos noivos em 9 de janeiro de 1949.

O casamento aconteceu quatorze meses depois, numa igrejinha que havia no então distrito de Praia Grande, dia 12 de março de 1950.

Praia Grande hoje é uma bonita cidade ao sopé da Serra do Faxinal. Possui uma majestosa igreja, com fama de ser a maior do Vale do Araranguá um lindo cartão-postal que foi construído por Frei Protásio de Alfredo Chaves, capuchinho capaz e progressista.

Bem, depois dos festejos de casamento, viajamos num auto-de-praça (táxi) do Quido (Euclides Zin) até a localidade de Rocinha, atualmente Timbé do Sul. . No dia seguinte, às oito horas da manhã, tomaríamos o ônibus da linha Regius para levar-nos até a Capela dos Ausentes, na região dos Campos de Cima da Serra.

Hoje, emancipada com o nome de São José dos Ausentes, é um município que está inserido na chamada rota ecoturística rio-grandense. Se ainda hoje o acesso é um pouco precário, já que é “estrada de chão”, imaginemos como era então naquela época! Mas, de qualquer forma, conhecer e desfrutar de tantas belezas que este lugar encerra vale a pena!

Como estivemos hospedados por uma semana na Pensão Kunz, pudemos fazer vários passeios, inclusive tomar banho de cachoeira.

Quanto ao retorno, de fato, não foi bom. Diríamos até que dentre as situações que tivemos de enfrentar, algumas foram mesmo terríveis! E as cenas foram gravadas na memória logo no período inicial do matrimônio. Felizmente, o tempo incumbiu-se de diluir todas e quaisquer inquietações, estorvos, dificuldades que vivemos na ocasião. Então, hoje, lembrar emocionada e alegre, pois aquela aventura serviu para tornar ainda mais aguçado o amor pela vida.

Bem, precisávamos voltar para Araranguá. Com esta finalidade, fomos até Bom Jesus para tomar um ônibus cujo horário de partida era ao meio-dia, mas que, devido a uma intensa chuva, partiu apenas às treze horas. Depois de percorrer vários quilômetros, já na descida da serra, fomos impedidos de continuar a viagem porque uma barreira caiu em certo trecho da estrada.

Diante disso, decidimos deixar as malas no ônibus para que a empresa entregasse em nossa cidade. Os demais passageiros não tiveram coragem de nos acompanhar, e preferiram voltar. Porém nós, decididos a ir em frente. Colocamos os calçados numa sacola, e abrigados por um pequeno guarda-

chuva, seguimos a pé, descalços, num barral que Deus-me-livre, por aproximadamente doze quilômetros. E entre uma escorregada e outra, volta e meia caía uma manga-d'água que nos molhava por inteiro. Entretanto, sem desanimar, continuamos caminhando até que, à tardezinha, avistamos uma pequena casa à margem da estrada, aonde chegamos.

Fomos recebidos por gente simples e hospitaleira, acolhedora como poucos. Com muita amabilidade, serviram-nos um bom café com mistura, como se diz, e, para que passássemos a noite, fizeram uma cama no chão, onde nós, cansados da impetuosa jornada, dormimos maravilhosamente bem.

O tempo estiou durante a noite, e, logo após o café da manhã seguinte, fomos orientados a seguir por uma trilha de uns três quilômetros até chegarmos numa atafona de um senhor chamado Pedro Martins. Ele nos ajudaria a atravessar o rio, o qual havia transbordado por causa da grande quantidade de chuva. Agradecidos nos despedimos daquele casal simpático e bondoso, seguindo nossa caminhada.

Não demorou muito para que avistássemos a atafona e, ao seu lado, a casa do Sr. Pedro. Quando o vimos, percebi que já o conhecia, pois se tratava de um cliente do setor de financiamentos do Banco onde eu trabalhava. Assim que nos cumprimentamos, ele imediatamente me reconheceu, colocando-se à disposição para ajudar.

Tão logo dissemos que precisávamos atravessar o rio para chegarmos à Rocinha, onde tomaríamos o ônibus para Araranguá, ele providenciou um cavalo e umas cordas, atadas uma à outra, para que, montados um de cada vez, alcançássemos o outro lado.

E assim foi: um de nós, montado no cavalo que ia nadando, alcançou a outra margem do rio, e em seguida, o animal foi puxado de volta pela longa corda presa ao cabresto. Após o outro repetir o mesmo procedimento, estávamos os dois do outro lado. Um aceno de despedida e mais uns dois quilômetros, enfim chegamos ao ônibus que nos conduziria de volta a nossa cidade.

Em Araranguá tratamos de reaver nossas malas e logo reassumimos nossas atividades profissionais. Mas viajávamos sempre que podíamos. Tanto que, poucos dias depois desta primeira aventura juntos, trafegamos a mesma estrada onde andamos na lua-de-mel, e seguindo pela rota de Bom Jesus e Vacaria, chegamos a Lages.

Na época em que quase todas as cidades possuíam bons cinemas, Lages possuía um dos mais bonitos do Estado. Nós o visitamos logo na primeira noite do dia em que chegamos, e como era costume, trajados como para uma ocasião solene.

Em contraste, de outra feita subimos a Serra do Faxinal a cavalo para conhecer o Itaimbezinho. Acompanhava-nos como guia na cavalgada o Aldoir dos Santos, o Dola um primo de minha esposa. Ele conhecia todas as trilhas dos campos de cima da serra.

Lembro que quando retornamos desse passeio, o Brasil chorou por ter perdido a Copa do Mundo para o Uruguai. Os atletas de Obdulio Varela derrotaram nossa espetacular seleção por 2x1. Custamos a crer, pois para que fôssemos campeões bastava apenas o empate.

Nossa vida profissional proporcionava meios para sairmos da rotina. De vez em quando íamos de trem a Tubarão.

Numa dessas viagens chegamos a Jaguaruna, onde fomos recebidos por uma grande amiga e colega,

também professora, a Dalci.

No dia 16 de março de 1951, com a chegada de Rosita, nossa primeira filha, começamos a repartir as regalias. Fiquei tão faceiro que cheguei a comunicar para muitas pessoas do nosso relacionamento a data errada do nascimento.

Continuei nos serviços bancários, e também colaborando com meus superiores, os quais integravam com grande importância a política sul-catarinense, principalmente a do Vale do Araranguá. O diretor e acionista majoritário do Banco, Sr. Irineu Bornhausen, chegou a ser eleito governador do Estado, em 1950.

Sua administração foi alicerçada no ensino, construindo educandários em vários municípios. Minha esposa, professora, foi convidada a dirigir o Grupo Escolar Jorge Schütz, inaugurado em princípios de 1952, na cidade de Turvo. Por esse motivo fomos residir naquela cidade, da onde, de segunda à sexta-feira, eu viajava a Araranguá para trabalhar. Esta movimentação durou até abril de 1953, quando então foi transferida para Araranguá, assumindo a direção do Grupo Escolar Castro Alves, educandário onde havia iniciado suas primeiras aulas, em 15 de fevereiro de 1947.

Nessa época, realmente os governantes davam prioridade à educação. Aproveitei, então, o bom relacionamento que mantinha com eles para atender um pedido dos praia-grandenses, principalmente, do amigo Arnaldo Inácio da Silveira: a construção de um colégio na terra natal de minha esposa.

Solicitei ao líder político no Vale do Araranguá, o Sr. Afonso Ghizzo, que era também gerente do Banco, um maior empenho para alcançar esse objetivo junto aos seus maiores. Surtiu efeito! Tanto que, em meados de 1952,

logo após a realização de uma pesquisa sobre a real necessidade de implantação de uma escola na região, sua pedra fundamental foi assentada. Estiveram presentes o governador Irineu Bornhausen e sua comitiva. Discursou no ato de inauguração, apresentando agradecimentos em nome da comunidade, o nosso vigário, Pe. Humberto Oenning.

As duas primeiras normalistas filhas de Praia Grande foram minha esposa e sua irmã Eulina.

Devidamente formadas no Colégio São José, de Tubarão.

Praia Grande.

Na qualidade de diretora concursada na capital catarinense, Dona Cila como era carinhosamente chamada, foi para sua terra natal preparar a festa de inauguração do novo colégio, batizado Grupo Escolar Bulcão Viana, no dia 15 de agosto de 1954.

Sob sua orientação e administração ficou até maio de 1959, quando então se mudou para Porto Alegre, na capital gaúcha. E no Colégio Prof. Aurélio Reis assumiu as funções de professora, lecionando por mais de dezessete anos, e aos trinta e três anos de magistério, alcançou o direito à aposentadoria.

No período de Praia Grande, a convite de meu sogro, deixei o Banco para trabalhar junto com ele no comércio. Foi uma enorme transformação na minha vida, bancário que era.

Naquele tempo, muitos tropeiros desciam a serra para fazer compras. Atendendo aqueles viajantes, aos poucos fui me adaptando ao novo tipo de trabalho e à nova condição de vida. Aprendi sobre bruacas, e também, que ao final de suas compras deveriam ganhar um brinde: o estribo: ou seja, "uma canha no borrachão, para tomarem ao estribo". Traduzindo devia se encher com cachaça uma espécie de cantil, feito de aspa de boi, para irem saboreando na subida da serra.

Aos domingos, juntamente com Demétrio Alborno, Santo Bedinotti, José Lopes, Adão Patrício, Artur, Gervásio, Fumão, Garibaldi, Albertino e outros atletas do Cruz-de-Malta, de Rua Nova, hoje município de Mampituba, RS, jogávamos com os plantéis vizinhos.

Após várias reuniões com simpatizantes de recreação e esportes, fundamos a Sociedade Recreativa Francisco Alves, o SOREFA, e com reforços de atletas do Cruz-de-Malta, íamos jogar em Araranguá, Turvo, Santa Rosa, Torres, Piratuba, Terra de Areia, Ouro Verde, entre outros.

Nunca fui bem entendido em meus propósitos, mas gostava de fazer política. Notando o descaso das autoridades para com a Praia Grande, não medi esforços em colaborar para que melhorasse. Lutei ao lado de Abel Esteves pela abertura da Serra do Faxinal. Tanto que o acompanhei várias vezes, a cavalo, pelos íngremes peraus da serra até a cidade de Cambará do Sul, sede de encontros de líderes de São Francisco de Paula, como Emílio Pinto gerente do Banco da Província do Rio Grande do Sul, Dr. Pompeu advogado e vereador, e Ângelo Atanásio prefeito da cidade. Reivindicávamos apoio para a realização da construção da estrada da Serra do Faxinal.

Em 1955, a paróquia de Praia Grande recebeu, com pesar, a transferência do Pe. Humberto Oenning para Camboriú, ficando então sem vigário. Então, numa viagem que fiz a Tubarão, em visita a Eduvirges Souza, proprietário das Lojas Leão, e que fez parte da comissão que criara a diocese, relatei a situação em que se encontrava a nossa paróquia pedindo ajuda para conseguir um novo padre. Seu Eduvirges, em atenção ao seu conterrâneo, prontamente se dispôs. Contou-me, inclusive, que havia conseguido um frei capuchinho para Maracajá. Isso me deixou animado. Mais ainda, quando me convidou para irmos juntos falar com o bispo Dom Frei Anselmo Pietrulla, OFM.

Lá chegando, após beijar o anel do bispo, falei sobre o desamparo em que ficaram os católicos da paróquia praia-grandense, razão pela qual lhe fazia aquela visita.

Para tranquilizar-nos, respondeu que iria estudar o assunto com carinho.

E assim, Frei Protásio de Alfredo Chaves, em fevereiro de 1956, para nossa alegria, chegou à Praia Grande, onde uma bela recepção o aguardava.

Posteriormente, seu irmão gêmeo, Frei Gervásio, veio completar o magnífico presente enviado por Deus aos praiagrandenses.

Frei Protásio revolucionou Praia Grande. Deu início ao grande salão de festas, onde rezava missas e acolhia o povo nos dias festivos. Era muito carismático e de caráter forte, a população dentro de suas possibilidades, colaborava generosamente para o desenvolvimento da comunidade.

A velha igreja, que se localizava quase no meio da praça, foi demolida. E uma nova foi construída por ele, um pouco distante dali. Como tinha algum conhecimento urbanístico, previa que o jardim da Praça São Sebastião ficaria muito pequeno futuramente, se a reconstruísse no mesmo local.

As terras onde estão localizadas a casa paroquial e a majestosa igreja pertenceram ao senhor João Ramos Sobrinho. Para que passasse a pertencer à Igreja Católica, foi necessário usar de diplomacia para que a transação fosse realizada.

Naquele tempo, era desconhecido esse ecumenismo que se vê, atualmente, entre algumas religiões. Por isso, havia entre o Frei e o Seu João, um cristão da Igreja Episcopal Anglicana, algumas desavenças.

Como poderiam conversar para que esse negócio fosse realizado?

Foi então que o Frei pediu ao ex-bancário que usasse de sua amizade com o Seu João para fazer a intermediação na aquisição do imóvel.

Em atenção ao seu pedido, tão logo tive oportunidade, fui à presença daquela simpática pessoa a fim de sondar possibilidades de negócio do aludido terreno, e ainda, qual valor e condições de pagamento.

Fui recebido afetuosamente em sua residência com um gostoso almoço, oferecido por ele e sua esposa, dona Gertrudes. Depois de algumas conversas, disse-me:

“Para ti eu vendo, pois te prezo muito! Porém, há um “probleminha”: só faço negócio com pagamento à vista, e quero quatrocentos Cruzeiros, no ato da escritura. Pensas que eu não sei que foi o “capucho” que te colocou de intermediário nessa transação? Combina com ele e vai ao cartório do compadre Alberto (Alberto Alípio Teixeira). Deixa lá o dinheiro, que depois vou assinar a escritura. Não quero encontrar-me com o “capucho!”

Diante disso, despedi-me e saí para levar o resultado do encontro ao Frei que, então, me disse:

Esse homem é muito bom! Pena não ser da nossa religião. Eu lhe daria até mil Cruzeiros.

Quem ganhou foi Praia Grande!

Eu, um intrometido ex-bancário, tinha idéias emancipacionistas e era entusiasmado pelo calor trazido pelos capuchinhos. Com o apoio irrestrito do sogro que me dispensava sempre que necessário da presença no estabelecimento comercial viajei a Florianópolis para visitar a Assembléia Legislativa Estadual. O objetivo era buscar a orientação necessária junto a pessoas que já conhecia, as quais faziam parte do governo, no sentido de dar procedimento à elaboração de um projeto de autonomia municipal, junto ao Legislativo.

Então, atendendo às instruções, comecei a juntar dados estatísticos que se faziam necessários, tais como: quantidade de eleitores, número de habitantes, mapa da região, renda *per capita*, movimento agropecuário, comercial e industrial.

Pretendia, com isso, ver a emancipação de Praia Grande o último distrito que fora criado quando ainda fazia parte do município de Araranguá, por decreto do Prefeito Tte. Ruy Stokler de Souza e Lei de nº 941 de 31 de Dezembro de 1943, sancionada pelo Interventor Dr. Nereu Ramos. Nesse tempo, estava anexada ao município de Turvo, desde 1948, e para satisfazer às exigências de seus intendentes, até os pequenos engenhos de açúcar mascavo, que funcionavam de maneira primitiva tocados a boi, pagavam impostos. A princípio, sob a alegação de que a área territorial era pequena, tiveram a petulância de querer anexar à Praia Grande o distrito de Passo do Sertão. Mas isso foi rechaçado pelos líderes daquele distrito.

Sem desanimar, juntei tudo o que foi possível e necessário para protocolar no Legislativo catarinense. As viagens eram difíceis, pois não havia ainda as facilidades de hoje para se chegar à capital. Era estrada de chão. O trabalho dispendioso, com certo prejuízo monetário, porém contava com o apoio incondicional da esposa e do sogro.

Depois de muitas idas e vindas, a persistência levou ao êxito e, em conformidade com a lei de número 348, de 21 de junho de 1958, foi aprovada a autonomia municipal de Praia Grande, passando a vigorar a partir da instalação do município, em dezanove de julho do mesmo ano.

Sendo designado para organizar e dar base à nova cidade, procurei corresponder dentro de minhas aptidões. Numa economia de máximo rigor, nomeei minha esposa como

secretária, sem vencimentos, mas com poderes para assinar. Eu fazia todo o trabalho da pequena prefeitura.

Os respectivos trabalhos administrativos, inerentes ao novo município, foram instalados na antiga loja do Sr. Hercílio Tomás de Souza (Ciloca), cedida gratuitamente. As mesas e cadeiras eram do salão do amigo Pedro Meleiro, que foram trazidas por empréstimo, e a máquina de escrever, era do ex-bancário.

Após as eleições, quando foi eleito o prefeito Sr. José Inácio Júnior, e sete vereadores, ainda funcionou um bom tempo no mesmo local. Sendo apenas dividida em duas partes: metade para o executivo, metade para o legislativo. Quanto a mim, ocupei a secretaria do legislativo para organizar arquivos, livros de atas, leis, etc.

No segundo ano de mandato, como o segundo mais votado, assumi a presidência da câmara. Foi quando dei nome às vinte ruas principais. Nesta época, os vereadores cooperavam gratuitamente para o município. Não percebíamos dos cofres da Prefeitura.

Acompanhei o prefeito José Inácio à Florianópolis, para audiência com o deputado José Hülse diretor do abastecimento energético do Estado, que nos disponibilizou um motor de quinhentos cavalos, a diesel, para gerar a iluminação da sede municipal. Esse motor veio num caminhão-tombadeira, que foi entregue à Praia Grande, pelo Dr. Heitor Ferrari então Secretário Estadual de Obras. A tombadeira logo foi usada pelo frei Protásio, no andamento das obras da igreja, e do hospital.

Para que as filhas pudessem continuar seus estudos, mudei-me para Porto Alegre. Mas, mesmo de lá, sempre estive atento e acompanhando o desenvolvimento de Praia Grande.

Na capital gaúcha, gerenciei uma loja de utensílios domésticos da rede Ultralar, onde meu amigo Odiles (Manoel

Learcino Luiz) adquiriu geladeira e fogão. Ele também foi residir em Porto Alegre, e trabalhava na firma atacadista Paulo Feijó como motorista encarregado de entregas de mercadorias.

Minha mãe residia na Rua Dona Sebastiana, esquina com a Avenida Assis Brasil. Quando eu a visitava, passava por uma barbearia vizinha, e notava que o barbeiro, sempre de guarda-pó, me parecia pessoa conhecida. Então, depois de raciocinar algum tempo, tomei a decisão de perguntar-lhe se o seu nome não seria Abílio. Ele confirmou meio desconfiado. Eu lhe disse que há vinte e quatro anos não nos víamos. Novamente não lembrou. Então, depois de lhe dizer que fomos colegas no segundo e terceiro ano primário, e, que na bagunça dos marinheiros, fugimos por baixo da lona do circo, lembrou-se. Foi uma alegria o reencontro. De vez em quando o visitava para lembrarmos nossa infância.

Mais tarde, por cerca de um ano, trabalhei como sócio-proprietário numa farmácia.

Em seguida, entrei no ramo de transporte coletivo, na capital gaúcha, a convite de Francelício Porto, novo proprietário da Empresa Educandário, e meu conterrâneo ele era de Sapiranga, uma pequena comunidade que hoje pertence ao município de Meleiro.

Assumi, então, a gerência da empresa do amigo, que, antes, apenas era dono uma serraria, no povoado de Três Irmãos, em Praia Grande.

Iniciei meu novo trabalho, em 1º de novembro de 1965. Participava das reuniões na Secretaria Municipal de Transportes (STM), juntamente com o Sr. Francelício, e, por diversas vezes, tratamos com os secretários Landel de Moura e João A. Dib que chegou a ser Prefeito da Capital Gaúcha, e detém cadeira cativa na Câmara Municipal.

A finalidade desses encontros era para que ficássemos a par da manutenção do fluxo dos ônibus, sem descumprir, de maneira alguma, os horários de transportes de passageiros, nas linhas que confiadas à Empresa. Os usuários da zona norte da capital, muito utilizavam aquele meio de transporte na sua conexão com o centro da cidade.

Assim como o Sr. Francelício, seu filho mais velho, Cláudio Porto, também possuía a mesma garra para progredir. Encarregava-se da oficina, na manutenção dos veículos, com uma competência e vontade de vencer, que o incentivava a trabalhar sempre, mesmo à noite. Preocupava-se em fazer sempre com que todos os veículos estivessem em forma para o bom atendimento aos usuários. E, certamente, foi gratificante sua luta, pois, hoje, é o atual presidente da conceituada empresa Nortran e Conorte na capital gaúcha.

Permaneci na empresa até 1980, e, durante esse período, sempre que surgia oportunidade, viajava até Praia Grande. Como estávamos sob os rigores militares desde 1964, não me conformava com as arbitrariedades e acontecimentos naquele município. Os prefeitos eram indicados pelos governantes, e os vereadores, todos eram sempre indicados pela tal Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido dos milicos.

Notava que o povo vivia humilhado, e sentia por isso, então, dizia aos amigos que não poderia ser assim, e perguntava:

Onde estavam os homens de antigamente, que não se mixavam, e sabiam fazer oposição?... Será que perderam a coragem?

Porém, no ano de 1975, o saudoso Leonardo Pedro Tomaz, e alguns amigos, como Silvério Perdoná, Manoel Learcino Luiz (Odiles), José Atanázio, Orides Patrício da Rocha,

Aristides e Raul Cardoso, e tantos outros, convidaram-me para uma reunião, onde me coloquei a disposição dos amigos para fundarmos o Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Marcávamos presença aos fins-de-semana, e começamos a luta contra perseguições, e nas eleições de 1976, conseguimos eleger três vereadores na câmara. Mas, infelizmente, apenas o heróico Odiles, suportou as ofertas de manda-chuvas autoritários. Os outros não resistiram. Interessante, que até hoje os mandantes tem que ficar com maioria absoluta, para fazerem o que bem entenderem, e verem seus projetos aprovados.

No pleito de 1982 elegemos o primeiro prefeito do MDB, Dr. João José de Matos; depois, em 1992, Eliseu Lima; em 1996, Nécio Casagrande; em 2000, novamente Eliseu Lima; e, pela segunda vez, em 2004, o Dr. João José de Matos.

Como é bom vencer eleições! Apesar de que muitos companheiros ficam no esquecimento, ainda assim, não deixam de sentirem-se gratificados, pois deram sua parcela de contribuição através de seu precioso voto.

No emaranhado político também há muita decepção. Depois de presidir por quinze anos o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), sempre com simpatia e bondade, acolhendo em sua residência, candidatos a vereador, deputados estaduais e federais, senadores e até os governadores do Estado, Leonardo Romaz ganhou uma grande ingratidão. Tramaram para que fosse alijado da posição que ocupava no partido, e, até hoje, continua no esquecimento por parte daqueles que só pensam em tirar proveito em seu próprio benefício.

Em meados de 1989, fui convidado por Valmor De Luca, então, Secretário da Saúde de Santa Catarina, para ocupar a

chefia da Divisão de Orçamento da Fundação Hospitalar Catarinense. Esse cargo, o desempenhei a contento, na capital, até março de 1991, juntamente com funcionários, na maioria concursados, e, alguns, com cursos superiores, como: direito, administração, economia, informática, pedagogia, etc. Nomes de alguns deles: Anísio, Carlos, José, Juscelino, Luiz, Maria Anita, Roseli, Silvio, Walter e Zimmermann.

E r a m p e s s o a s de muita responsabilidade profissional, traziam suas tarefas sempre em dia, e a contento das firmas e laboratórios que forneciam e prestavam serviços para referida autarquia estadual.

No prolongado período de trabalhos de transporte de passageiros na capital gaúcha, me foi oportunizado entrar em contato com os titulares da Secretaria Municipal de Transporte (SMT), Dr. Landel de Moura, José Meira e Jarbas Haag, além dos prefeitos Dr. Célio Marques Fernandes e João Antônio Dib. Na área política cumprimentei os governadores Pedro Simon, Alceu Colares e, também, Sinval Guazeli, de quem ouvi uma história que merece ser registrada aqui. Pois quando lhe falei que tinha residido em Praia Grande, contou-me que quando tinha uns treze anos, acompanhando seu pai e meia dúzia de cargueiros, lá pelos idos anos de 1940, vindo de Vacaria com destino à Torres, passando por Bom Jesus, Jaquirana e Cambará, desceram pela serra do Faxinal, e se hospedaram na casa do Seu Abelinho (Abel Esteves).

Olhando a nossa claudicante democracia, que foi interrompida no ano de 1930 a 1945, e, após esse tempo, por Juscelino Kubitschek, um mineiro, completamente desconhecido dos que nasceram após 1950, percebe-se que este extraordinário brasileiro foi até agora insubstituível no engrandecimento

administrativo do nosso Brasil. Sacudiu o país em todos os setores, fomos conhecer estrada asfaltada, porque ele, através da construção da Br 116, ligou o país de Sul a Norte. E a exemplo de Washington, nos Estados Unidos, construiu Brasília, para onde foi transferida a sede do governo, em menos de cinco anos. Que bom seria se nossos políticos trabalhassem com perseverança para conquistar melhores dias ao povo brasileiro.

Cooperando para que o nosso povo exercesse a liberdade de escolher bons elementos para administrar meu Estado, fiz presença nos pleitos que elegeram os governadores Irineu Bornhausen; senador Jorge Lacerda, substituído por Heriberto Hülse; Pedro Ivo Campos, substituído por Cacildo Maldaner; Paulo Afonso e Luiz Henrique da Silveira. Incentivavam-nos marcando presença nas campanhas, os deputados federais Valmor de Luca e Eduardo Pinho Moreira, que também foi vice de Luiz Henrique.

No âmbito estadual deram suas parcelas de luta: Dr. Stélio Boabaid, Manoel Mota, Ronaldo Benedet e Lírio Rosso. Este último teve dois mandatos, mas também não se sabe o porquê ficou esquecido pelos maiores do partido.

Evolução

Não poderia deixar de registrar para que se tome conhecimento, que lá pelos idos de 1917, muitos homens de visão comercial começaram a dar sua contribuição ao desenvolvimento do futuro município. Destacaram-se, ao lado direito do entroncamento que vai para a serra, a uns 300m além do local onde hoje está situado o C.T.G. Porteira do Faxinal, um sortido estabelecimento comercial, também conhecido como pousada de tropeiros, era o casarão de Luiz Bento dos Santos; a Casa Triunfo, construída de alvenaria, de propriedade de Camilo João Inácio; pela Rua Abel Esteves, em direção à Praça São Sebastião, localizava-se a Selaria de Alberto Cinésio de Lima; a Casa Nova mais adiante, de Wenceslau Domingos Coelho; e, em frente à praça, as lojas de João Ramos Sobrinho e Hercílio Tomaz de Souza. Havia muita concorrência. Cada qual procurava atrair mais compradores, principalmente os tropeiros que, muitas vezes, enfrentavam o mau tempo para descer e subir as trilhas do Faxinal, e assim fazerem suas compras. Vinham dos municípios de Cazuza Ferreira, Jaquirana, Cambará, e até de Bom Jesus. Todos da região serrana.

O Seu Camilo possuía um irmão chamado Ricardo Inácio, pessoa meio diplomata que gostava de política. Foi nomeado, em 26 de janeiro de 1929, para o cargo de agente dos Correios e Telégrafos por Sua Excelência, o Presidente da República, Dr. Washington Luís.

Os irmãos Abel, Gervásio e Manoel Esteves, dedicavam-se mais à área industrial, tanto, que foi por iniciativa desses

homens que o distrito de Praia Grande, a partir de 1933, passou a ter energia elétrica gerada por turbina hidráulica. Foi o primeiro povoado do vale a ter eletricidade. Até mesmo antes da sede do município!

Somente após dois anos é que a cidade de Araranguá foi usufruir deste conforto. E isso foi possível, graças aos esforços do padre Antonio Luiz Dias, que convenceu um parente, o velho Cardiga, a emigrar de Portugal para cá. Bastante entendido em forças hidráulicas, construiu no distrito de Meleiro, uma usina para produzir energia elétrica que, então, era conduzida através de cabos até chegar à sede do distrito.

Veio para Praia Grande, procedente da cidade de Mostardas, Rio Grande do Sul, o Sr. Adão Pires, homem bastante dedicado ao plantio de arroz. Um orizicultor, propriamente dito, que muito incentivou os agricultores praia-grandenses para o cultivo desse cereal.

Os Esteves instalaram serrarias, beneficiamentos de arroz, e moinhos de milho. Abel Esteves, sob a orientação de um profissional chamado Aurélio, fabricava móveis e esquadrias de madeira.

João Ramos e Manoel Esteves, em 1938, instalaram na Vila Rosa, uma fábrica de café que, mais tarde, passou a ser propriedade de Altemar Esteves de Aguiar. Esta fábrica funcionou até 1960, na localidade de Praia Grande. Posteriormente, para uma melhor distribuição na região litorânea, do gostoso café Rosenda, a indústria foi transferida, então, para a cidade de Torres RS.

Atualmente, esta empresa pertence a outro proprietário; mas, até hoje, continua na mesa dos habitantes do litoral sul-catarinense e litoral norte gaúcho.

Grupo dos 10. —————

No ano de 1955, já residindo em Praia Grande, juntamente com alguns companheiros progressistas, preocupados com o desenvolvimento do lugar, fundamos o “Grupo dos Dez”, do qual faziam parte, em ordem alfabética, os Srs. Alberto Santos, Alberto Alípio Teixeira, Altemar Esteves de Aguiar, Antônio Ricardo Inácio, Gualberto Elias, José Inácio Júnior, Júlio Pedro Clezar, Lealcino Norberto Maciel, Oliveira Camilo Inácio e Walter Pares.

Sob a inspiração deste grupo, após nove anos, outro foi criado com o nome de “Grupo dos Onze”; porém desta vez com propósitos revolucionários.

Esta confraria chamada Grupo dos Dez, presidida pelo Sr. Júlio Pedro Clezar, tinha o compromisso de promover jantares quinzenais onde, cada componente, dentro de suas possibilidades, deveria convidar a fazer-se presente aos eventos, autoridades como: prefeitos, juizes de direito, deputados, industrialistas; enfim, pessoas que pudessem, de alguma maneira, colaborar para o desenvolvimento do então distrito de Praia Grande.

Desses companheiros de grupo, cinco tiveram grande compensação, pois foram agraciados com a chefia do executivo, como prefeitos; e dois, a vereadores do novo município.

Personagens Folclóricos

Praia Grande, como qualquer outro lugar, possuía também seus personagens folclóricos. Eram eles: Luiz “Bandáia”, Pedro Sutile, a velha Vicença, Ponciano, Manoel Fortunato, e o negrinho Brás, que residia no quilombo de São Roque.

O Brás saía de sua casa de madrugada e percorria dezenove quilômetros a cavalo para chegar à nossa casa comercial aí por 7h30min e 8 horas. Meu sogro gostava dos morenos daquele fundão. A maioria eram seus fregueses desde a inauguração de sua casa comercial. Quando o chamavam para tomar o café-da-manhã, por delicadeza, convidava para sua mesa os fregueses presentes. Nosso amigo Brás não rejeitava nunca, e, prontamente, com sua voz macia e descansada, dizia: “Seu Gervásio, como saí muito cedo de casa, eu vou 'aceitá!’”

Pedro Sutile morava no topo da serra, nas proximidades onde hoje está instalado o posto de arrecadação do ICMS. Costumava levantar antes de clarear o dia, e, a pezito, caminhando por trilhas cheias de pedras e matos, chegava ao nosso estabelecimento comercial, pelas dez horas da manhã. E mesmo com mais de setenta anos de idade, demonstrava uma alegria de fazer inveja a muita gente, e, para comprovar a resistência de suas pernas, dançava e cantava em frente ao balcão da loja. Só depois é que fazia suas compras, que, geralmente, totalizavam uns quarenta quilos, que eram divididos numa mala de garupa (um saco de tecido grosso, com a abertura longitudinal no meio) para levar no ombro.

Próximo ao meio-dia fazia um lanche, e depois dava meia-volta, e subia a serra para chegar à sua casa, ainda antes do anoitecer.

Que pena não ter uma foto dele. Era uma pessoa espetacular e que irradiava muita alegria.

A velha Vicença, era uma conhecida senhora que vivia sozinha na encosta da serra, próximo onde hoje está localizado o Hotel Pedra Afiada. Mulher valente. Andava sempre a cavalo como uma verdadeira amazona, e dizia sempre que não tinha medo de nada.

Nosso amigo Ponciano tinha funções gratificadas por alguns comerciantes do povoado. Remuneravam-no sempre que ia até a metade da serra ao encontro de tropeiros, para tentar convencê-los a visitarem suas casas comerciais.

Embora com alguma moderação, ele era bastante apreciador de uma pinga. Certo dia decidiu fazer umas contas para ver o quanto já havia bebido, e, após umas duas horas fazendo cálculos, enfim, chegou ao resultado: cinqüenta e cinco barris e quarenta e nove garrafas. Esse foi seu consumo até aquela data.

Então, já meio ébrio, num hilariante discurso solicitava às autoridades que baixassem uma ordem para queimar todas as cachaças, e arrematava: "... mas, com gengibre, pois daí ela fica muito mais gostosa!".

O Manoel Fortunato andava sempre bem pilchado à gaúcha. Era um contador de histórias. Algumas ele principiava pela manhã, e só chegavam ao término lá por meia-tarde quando o efeito da "bitruca" prejudicava algum neurônio. Cavalo de sua montaria não o agüentava por muito tempo, pois sempre que chegava num armazém, ou em algum bolicho onde se vendia

trago, o pobre bicho era atado num palanque, e ali passava o dia inteiro mascando o freio, sem comer nada. Algumas vezes, por pena, alguém levava um balde d'água para que o infeliz matasse a sede.

Vida de animal já não é boa, muito menos nas mãos do Manoel Fortunato! dizia quem o conhecia.

Quando a praça central de Praia Grande era apenas um espaço gramado, sem qualquer ajardinamento, costumava ser ocupada por pessoas que vinham ao povoado para as compras, e por caixeiros-viajantes que visitavam o comércio local. Ali colocavam seus animais, atados na soga, e suas charretes. Quando pernoitavam, hospedavam-se no hotel em frente.

Nesse mesmo hotel, era hóspede permanente, o motorista de ônibus de linhas rotineiras da Empresa Araranguaense. Ele era conhecido pelo apelido de Pingüim, por gostar de fazer travessuras. Certa manhã, antes do horário de partir, amarrou a corda do sino da igreja no rabo do cavalo do Sr. Januário dos Santos, um representante comercial que, periodicamente, visitava a cidade. Foi engraçado, pois toda vez em que o cavalo esticava a corda, o sino badalava. E tanto badalou até que acordou os vizinhos, e o dono do animal. Então, a brincadeira acabou numa encrenca para o tal Pingüim, que, por causa disso, teve que pedir ao seu patrão, uma licença para sumir, até que o Sr. Januário fosse embora.

Esse Pingüim vivia sempre aprontando alguma brincadeira. Numa ocasião, prendeu um porco num dos quartos do hotel imaginem alguém abrindo a porta do quarto, e, sendo atropelado por um porco assustado. Noutra ocasião, sem que ninguém se apercebesse, ele retirou umas várias camas dos quartos, e colocou-as na rua, todas arrumadas na calçada.

E, no decorrer das horas, quando alguém chegava, inclusive para hospedar-se, e perguntasse o que havia acontecido, ele respondia que as camas estavam fora, porque o proprietário iria fazer uma desinsetização nos quartos.

Manoel Cesário da Silva, conhecido como Nelinho Cesário, de pequena estatura, mas muito trabalhador e de grande vontade de progredir, ficou sabendo de meus conhecimentos bancários, então, procurou-me para orientar-me na obtenção de um financiamento para a aquisição de implementos agrícolas. Isso, há mais de cinqüenta anos, quando havia somente na cidade de Tubarão uma agência do Banco do Brasil. A única para atender todo o Sul de Santa Catarina. O Nelinho, imbuído de um espírito empreendedor, colocou o pé na estrada. Embarcou no trem em Araranguá, e viajou para ver as possibilidades de realizar seu sonho através daquela agência. Após várias incursões àquela casa bancária, preenchendo cadastro e comprovando seus bens, teve coroada de êxito a sua vontade. Assim, trouxe para esse nosso recanto, o primeiro trator, com o qual fazia suas lavouras, e as dos demais vizinhos, às margens do Rio Pavão.

Estrada da Serra

No dia 28 de dezembro de 2006, encontrei-me com o senhor Otílio Silveira que, atualmente, reside no bairro Guarita Dois, na cidade de Torres RS. Havia muitos anos que não nos víamos, mas lembrei que ele trabalhou no ano de 1956, meio século atrás, com uma pessoa que lutou pela construção da Serra do Faxinal, o Sr. Abel Esteves. E hoje, aos setenta e oito anos de idade, o Sr. Otílio contou-me como foi feito para transportar um compressor de ar, com a finalidade de detonar pedreiras, naquelas trilhas onde somente passavam tropeiros de mulas. Esse compressor foi emprestado pelo DER, por ordem do Governador Colombo Sales. Usava diesel como combustível, e teve que ser totalmente desmontado para, em lombo de burro, chegar ao local onde foi instalado para iniciar suas atividades.

A abertura da Serra do Faxinal foi o sonho que se tornou realidade para o audacioso Abel Esteves de Aguiar, que lutava dia e noite para a realização dessa obra.

De 1940 a 1955, influenciado pelo Senador Nereu Ramos, e detentor de certa influência política, chegou a ser nomeado Prefeito de Araranguá. Era um tempo de estradas bastante precárias, mas ele não queria saber, desembarcava do trem na cidade de Laguna onde tomava um dos três navios (chamados: Santa Maria, Max e Carlos Hoepek), numa viagem que podia durar uma semana, para chegar ao Rio de Janeiro, capital do Brasil, a fim de pleitear auxílio para as estradas de seu município.

No governo de Juscelino Kubitschek obteve diminutas verbas para a aquisição de ferramentas e explosivos que foram usados na abertura da serra. Trabalhou lado a lado com seus vários ajudantes, dinamitando rochas para abrir caminho. Eu, na qualidade de simpatizante da obra, fazia a prestação de contas dos pequenos recursos.

Prefeitos

No ano de 1964, ao final do mandato do senhor José Inácio Júnior, assumiu a prefeitura o senhor Júlio Clezar: pessoa inteligente, esforçada, proprietário de uma pequena indústria de implementos agrícolas e dos afamados fogões “Clema”. Na sua gestão é que foi adquirido o terreno onde, ainda hoje, encontra-se a Prefeitura. Infelizmente teve o mandato interrompido pelo seu falecimento. Para substituí-lo assumiu o Presidente da Câmara, o senhor Alberto Alípio Teixeira, que ocupava o cargo de escrivão do Cartório de Registros de Praia Grande, desde 1943, ano em que, por decreto do Prefeito Tenente Rui Stokler de Souza, fora elevada à condição de Distrito do Vale do Araranguá, levando a uma boa finalização aquele mandato.

Em 1968, em pleito renhido, foi eleito o senhor Learcino Norberto Maciel, comerciante de tecidos, confecções e armarinhos, que, por infelicidade, também veio a falecer em pleno mandato. Por isso, foi substituído pelo Presidente da Câmara, o senhor José Quirino Nunes, araranguaense que passou a residir em Praia Grande, para ocupar o cargo de Agente do Serviço Militar.

A gestão seguinte coube ao senhor Garibaldi Pereira Pinto, candidato único naquele ano. Nesse governo, precisamente no dia 24 de março de 1974, Praia Grande sofreu uma grande catástrofe, pois uma enchente destruiu muitas propriedades, inclusive tirando a vida de mais de trinta pessoas nos arredores.

O Prefeito Garibaldi, nessa ocasião, recorreu aos órgãos governamentais superiores, trabalhando sem medir esforços, na assistência emergencial aos seus municípios.

A maioria dos recantos brasileiros, sejam vilas distritos ou municípios, procuram deixar para a posteridade, feitos de sua história. Praia Grande bem que merecia ser mais pesquisada e ter registrado os esforços de seus antepassados, o desenvolvimento de suas raízes progressistas e culturais.

Deveriam ser lembrados os seus heróis que lutaram na Segunda Guerra Mundial, que durou desde 1939 a 1945, os saudosos expedicionários Miguel Cardoso e Donatílio da Silva, valorosos soldados da Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.). Pessoas que deram mostra de sua bravura participando em campos de batalhas de Montese e Monte Castelo, na longínqua Itália. Seria bom se alguma praça pública abrigasse placas com os seus nomes.

O Miguel Cardoso, logo depois de seu retorno da Itália que foi especializar-se no ofício de alfaiate, e casou-se em seguida com a senhorita Odete, filha do Seu Alberto Lima.

O Donatílio residia na Vila Rosa, próximo ao artesão José Olina. Este fabricava corotes (barriletes) de cinco a doze litros, para atender encomendas de clientes dos municípios vizinhos.

Uma particularidade de seu ofício é que ele usava na elaboração de seu trabalho algumas peças de madeira de aromas agradáveis, como: canela, guaco e pessegueiro, e, assim, proporcionava um paladar agradável aos clientes que apreciavam um aperitivo.

Foram várias pessoas que, migrando de outros municípios, deram sua contribuição ao desenvolvimento de Praia Grande, e não receberam nenhum reconhecimento por isso.

Entre elas: Frei Protásio; Walter Pares, nosso primeiro farmacêutico; Dr. Eduardo Marins, paulista da cidade de Botucatu, que de maneira arrojada implantou parte de sua indústria nesta cidade; e, Nelson Fardo, que propagou o nome de Praia Grande a muitas outras plagas, por meio de sua Indústria de Mariolas CATARI.

Sempre procurei participar no que de melhor poderia engrandecer este recanto, para onde vim residir a partir de 18 de abril de 1954. Em Praia Grande colaborei em quase tudo, e como estávamos em pleno período democrático, fiz parte de uma das agremiações políticas que havia.

Meu Partido vivia sempre em minoria, mas com nossa persistência lançamos para concorrer ao pleito para escolhas daquele que seria o primeiro prefeito escolhido nas urnas, o Sr. José Inácio Júnior que, inclusive, chegou a ser apoiado por várias pessoas do partido contrário, pessoas que deveriam ser seus adversários, mas em razão de sua humildade e honestidade não lhe fizeram oposição. Menciono aqui o nome de apenas três deles: Júlio Pedro Clezar, proprietário dos fogões "Clema"; Nico Teófilo; e, Manoel Justino, que foi intendente por vários anos enquanto Praia Grande era distrito ainda.

Nessa época, geralmente as campanhas políticas eram feitas a cavalo, pois havia apenas uns quatro veículos dispostos a essa finalidade. E nossa esperança de vitória não era tão significativa, já que o partido adversário era mais forte. Porém, para nossa satisfação, saímos vencedores, tendo o nosso candidato obtido uma margem de 51 votos. Valeu a nossa memorável e árdua luta.

José Inácio Júnior, mais uma vez então assumiu o executivo, por indicação dos governantes que pertenciam ao

vigoroso regime de exceção (ditadura).

Em compensação, mais tarde, seu filho João Inácio foi eleito dentro dos preceitos da democracia, por duas vezes. Mas, para galgar relevantes postos, e aprimorar seus conhecimentos sofreu um bocado. Frequentou o seminário de São Ludgero; o ginásio Deon, de Tubarão, indo, mais tarde, cursar medicina na UFRGS, em Porto Alegre.

Precisando residir num local que ajudasse amenizar suas despesas para dar cabal desempenho aos seus estudos, candidatou-se a ser inquilino da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida, na Rua Riachuelo, 1355. Seus dirigentes mandaram fazer pesquisas sobre a situação do pretendente, por ser filho de prefeito acharam que tinha muitas posses, não queriam deixá-lo ingressar na mesma.

Sendo procurado a fim de dar informações a respeito, prontifiquei-me a levá-los até Praia Grande, para verificar in loco a situação do interessado. Como meu relato foi convincente, confiaram na minha palavra dispensando tal viagem. Com isso, o dedicado universitário foi fazer parte dos residentes naquele estabelecimento que em muito auxiliava estudantes de baixa renda.

Com sua tenacidade e inteligência, foi diplomado na faculdade de medicina.

Já no período de estágio demonstrou habilidade na profissão que abraçou, especialmente no campo da cirurgia. E retornando para o seu torrão natal dedicou-se à profissão no atendimento para amenizar os sofrimentos dos que o procuravam no hospital construído pelo capuchinho frei Protásio, no ano de 1962.

Querendo proporcionar mais melhorias à sua cidade e à sua gente, aceitou ser candidato a chefe do executivo. E conseguiu vencer um pleito cheio de represálias, tendo ainda que ficar sob o jugo dos militares até dezembro de 1985.

Sua atuação foi impecável, e suas realizações foram muitas vezes elogiadas pelos seus colegas, prefeitos vizinhos.

Com austeridade, ele conseguiu construir a prefeitura, postos de saúde, e várias escolas, todas em alvenaria.

Na sua administração foram calçadas quase todas as ruas, indo até à indústria do Dr. Eduardo Marins.

Criou também um pequeno parque industrial, dando toda assistência que o mesmo requeria.

Muito viajou à Florianópolis para solicitar às universidades da capital a instalação do Campus Avançado do Vale do Mampituba (CAVAM), que, após cinco anos de funcionamento, colaborando para a cultura da região, deixou de funcionar. Essa magnífica obra de modernização do ensino foi suspensa pelo novo chefe do executivo. Uma lástima!

Dr. João, dispondo de empréstimos federais de grande monta, construiu cerca de trinta por cento da infra-estrutura necessária para a instalação do esgoto fluvial e cloacal, na sede da cidade. Deixou saldo de financiamento para o restante da obra, e que infelizmente não foi aproveitada pelo seu substituto.

O primeiro diretor do CAVAM, o senhor Nelson Carminati, criou o afamado Bóia-Cross, evento de repercussão no Sul de Santa Catarina e Nordeste do Rio Grande.

A partir de 1993, com muito esforço, o prefeito Elizeu Lima, ampliou as casas de ensino, principalmente na Vila Parque, onde construiu um prédio de dois andares. Na parte industrial chegou a ter quatro fábricas de calçados, e asfaltou as ruas do

centro da cidade.

Quem entra na política não pode guardar mágoas. Tem que saber entender as pessoas. Algumas são maravilhosas e admiráveis, outras inescrupulosas, que só querem tirar proveito do que deve ser sagrado, o que pertence ao erário público. Há pessoas que se elegem com certo tipo de discurso quando candidatos, e passam a fazer tudo ao contrário depois de eleitos. Satisfazem apenas a si próprios, e, dessa forma, atrasando a região em que habitam, sem ter consideração aos seus conterrâneos e eleitores.

Mas, assim mesmo, sinto-me plenamente orgulhoso e recompensado por minha teimosia em apostar no amanhã desta comunidade. É mostrando para o nosso semelhante, a verdade e seriedade, que a gente chega lá. Todos somos irmãos, e precisamos unir-nos para que possamos dar a devida assistência aos que mais necessitam.

Minha luta, no sentido de colaborar para o desenvolvimento do município de Praia Grande, iniciou em 1951:

1º Pleiteando a construção do G.E. Bulcão Viana.

2º Juntamente com o saudoso José Pereira, da empresa União; e Vergilino Pereira, e mais alguns interessados, fundamos a Sociedade Recreativa Francisco Alves (SOREFA), no ano de 1955.

3º Com certo arrojo, solicitei ao Bispo da Diocese de Tubarão, a vinda do frei Protásio.

4º Sem colaboração de qualquer espécie, viajei várias vezes à Florianópolis até ver esse recanto ser agraciado com a autonomia municipal.

5º Doe a parte do terreno da Escola Vila Parque, e cooperei com o saudoso Leonardo Tomaz, nas instalações e

funcionamento da APAE.

6º Auxiliei monetariamente para a construção do CTG Porteira do Faxinal.

7º Como sócio fundador, e membro da primeira diretoria do Clube 19 de Julho, o deixei devidamente oficializado com o registro de seus estatutos nos órgãos competentes; não medi esforços para a implantação do pequeno parque das indústrias, inclusive conseguindo usucapião de parte daquela área.

Sempre atento ao progresso, foram várias as vezes que solicitei aos órgãos competentes, que muito prometeram e pouco realizaram, mais atenção a esse município tão carente de auxílio por parte dos governantes. Nota-se ousadia nos meus pedidos, pois, mesmo antes de ser implantado o serviço de transporte escolar no Brasil, eu já o solicitava aos ministros de então, para amenizar o trabalho dos quarenta universitários residentes do CAVAM.

De um modo ou de outro, tenho comigo que foi pequena a minha colaboração, e foi um privilégio ter feito parte do quadro de funcionários de três dirigentes do executivo de Praia Grande.

Os Meus

Não são todos que tem no decorrer dos anos de vida a possibilidade de um bom viver. Eu, porém, só tenho a agradecer pela felicidade de uma convivência que se aproxima aos sessenta anos, com dona Cila, esposa merecedora de muito mais do tudo que pude lhe proporcionar nesse período.

Ela, além dos afazeres domésticos, lecionou por mais de trinta e três anos, orientando com maestria seus alunos para que no futuro fossem pessoas de bem. Teve um aluno especialíssimo chamado Moacir Grechi, que nunca será esquecido. Nascido na cidade de Turvo e residindo em Araranguá, estudou no Grupo Escolar Castro Alves, e, atualmente, é Bispo da diocese de Porto Velho, em Rondônia.

Entre as alegrias que recebemos no decorrer desse tempo, estão nossas filhas Rosita, Ronete e Rosane, trio maravilhoso que nos foi presenteado. Acompanham nossa vivência as netas Juliana, Letícia, Ana Paula e o neto Ricardo, os bisnetos Júlia e Arthur, além dos genros Alberto de Almeida Velho, Orlando Mota de Oliveira e Wilson Marques.

Complementando, não posso deixar de mencionar os meus sobrinhos Eduardo e Cláudio, filhos do meu irmão Alberto, mais conhecido por tio Branco. Agradeço com penhor, a colaboração e incentivo do pesquisador fotográfico Luiz Gonzaga Inácio, e ao Wilson Marques, que incessantemente ajudaram na elaboração desta recordação.

Encerro meu modesto trabalho pedindo à juventude praia-grandense para que façam parte, sempre que possível, de todas as atividades, tanto social, cultural, e mesmo política, para assim elevar o nome de sua cidade.



1948 - Praia Grande



G.E. A. - 1949



Enlace Matrimonial



Gov. Jorge Lacerda - 1955



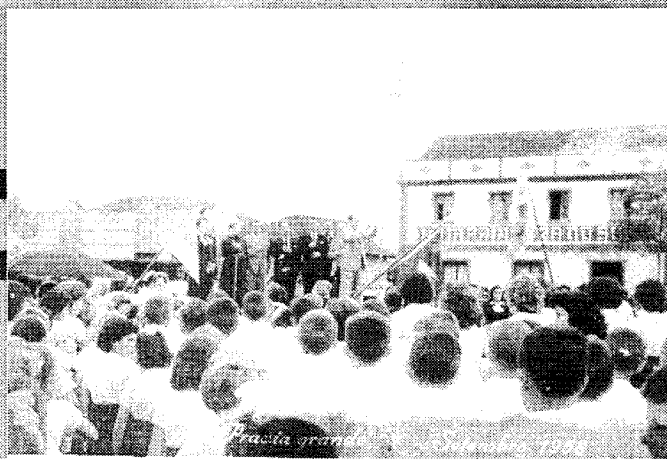
**Floripa - Levando documentos
para a Assembléia.**

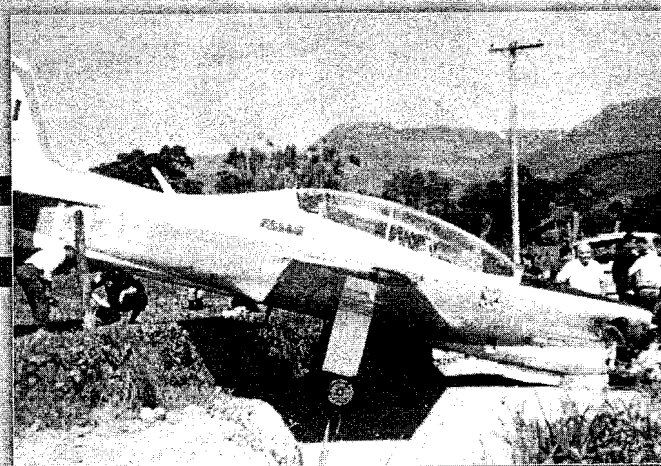


Instalação do Município 19/07/1958



**Frei Protásio assinando o livro
de posse do Prefeito**





**Pouso forçado - Avião Tucano da FAB
1987**



Com a esposa e as filhas comemorando
80 anos

NOMEAÇÕES



Do Presidente da República dos
Estados Unidos do Brasil

RESOLVE nomear

RICARDO JOÃO IGNACIO - para o lugar de agente do Correio de Praia Grande, no Estado de Santa Catharina, que já exerceia interinamente, com a gratificação annual que lhe competir.

Rio de Janeiro *2 de Janeiro* de 1929;
108^o da Independencia e 41^o da Republica.

Washington Luís
Wm. Andrade



IBP

ESTADO DE SANTA CATARINA

O Governador do Estado resolve

NOMEAR:

De acordo com o art. 1º, parágrafo 1º, da
Lei nº 250, de 14 de janeiro de 1949,

GUALBERTO ELIAS para exercer o cargo de Prefeito Pro-
visório do município de Praia Grande.

Palácio do Govêrno, em Florianópolis, 17 de julho de
1.958.

Florianópolis, 17 de julho de 1958

INTERIOR E JUSTIÇA

ET. nº 048/56

Brasília (DF), 27/12/1984

Ilmo Sr.

GUALBERTO ELIAS

Rua Abel Esteves, 1055

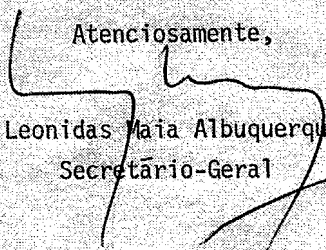
88.990 - PRAIA GRANDE/SC.

Prezado Senhor,

Em mãos, sua carta de 11 do corrente, dirigida ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República e encaminhada a este Ministério pela Casa Civil.

O pleito de V.Sª, no sentido do fornecimento, ainda que por empréstimo, de uma retro-escavadeira e de um trator de esteira, para trabalhos de drenagem nesse Município, lamentavelmente não pode ser atendido pelo Ministério da Agricultura, dada a absoluta falta de recurso para tal finalidade e pela inexistência de tal equipamento em nossas dependências nas diferentes unidades da Federação.

Atenciosamente,


Leonidas Maia Albuquerque
Secretário-Geral

CAO/SG.



MINISTERIO DOS TRANSPORTES

Empresa Brasileira dos Transportes Urbanos

OF. nº 1176 /84-GP

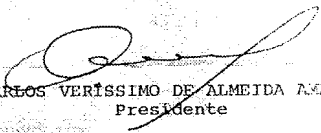
Brasília, 20.12.84.

Prezado Senhor

Apresento-me acusar o recebimento da correspondência de 11.12.84, pela qual V.Sa. solicita doação, por parte desta Empresa, de um ônibus para servir de transporte aos estudantes do Campus Avançado da Universidade Federal.

Lamento informar, em resposta, que a EBTU não dispõe de frota de ônibus, nem meios para o atendimento solicitado.

Receba as expressões do meu apreço.


CARLOS VERÍSSIMO DE ALMEIDA AMARAL
Presidente

Film? Sr.
GUALBERTO ELIAS
Rua Abel Esteves, 1055
Praia Grande

88.990 - PRAIA GRANDE-SC



ESTADO DE SANTA CATARINA
Gabinete do Vice-Governador

Florianópolis, 28 de novembro de 1988

Prezado Gualberto,

Lamento profundamente que os resultados eleitorais não tenham refletido o mérito de suas qualidades.

É justo, todavia, relevar a importância de sua participação, de seu esforço, de sua valiosa contribuição à luta do nosso Partido nesse Município. Seu empenho, com certeza, não cairá no esquecimento, eis que a história é uma construção coletiva e não pode prescindir do esforço de cada um.

Quero apresentar minha solidariedade pessoal a você, extensiva aos seus familiares, aliados, cabos eleitorais, enfim, a todos os que foram partícipes nesta campanha e, ao mesmo tempo, colocar-me à sua disposição para o que eventualmente for útil.

Um forte abraço.

Cassido Maldaner
Vice-Governador



SENADO FEDERAL
Gabinete do Senador CASILDO MALDANER

Brasília, 19 de setembro de 1995.

*Ilmo Sr.
Gualberto Elias
Rua Abel Esteves, 1068
88990-000 - Praia Grande - SC*

Prezado Gualberto,

Acuso recebimento de sua carta de 31.08.95, em que nos mostra sua inconformidade, por não ter sido aproveitado em nenhum cargo de âmbito estadual.

A propósito, gostaria de informá-lo ser V. Sa., um correligionário que sob todos os aspectos, merece ser lembrado.

Sobre o assunto, encontro-me à disposição, podendo contar com todo meu empenho.

Ao ensejo, apresento-lhe votos de consideração e apreço.

Atenciosamente,



SENADO FEDERAL
Gabinete do Senador **JORGE BORNHAUSEN**

Brasília (DF), 31 de março de 2000.

Ofício J.B. n.º 000578/00

Ao Senhor
GUALBERTO ELIAS
R. Irineu Bornhausen, 320
Centro
88990-000 – Praia Grande/SC

Prezado Senhor,

Em atendimento à sua solicitação, informo a Vossa Senhoria que encaminhei correspondência ao Senhor Representante do IBAMA em Santa Catarina, solicitando análise do seu pedido, cuja cópia segue, em anexo, para seu conhecimento.

Na oportunidade, transmito a Vossa Senhoria meus cumprimentos.

Atenciosamente,


JORGE BORNHAUSEN
Senador da República



SENADO FEDERAL
Gabinete do Senador **JORGE BORNHAUSEN**

Brasília (DF), 31 de março de 2000.

Ofício **J.B.** nº 000580/00

Ao Senhor
LUIZ HAMILTON MARTINS
Representante do IBAMA/SC
Av. Mauro Ramos, 1113 - Centro
88020-301 – Florianópolis/SC

Senhor Representante,

Repasso à sua consideração e exame, cópia da correspondência que me foi encaminhada pelo Senhor Gualberto Elias, de Praia Grande/SC, na qual reivindica áreas de terras dentro do Parque da Mata Atlântica.

Na oportunidade, transmito a Vossa Senhoria meus cumprimentos.

Atenciosamente,

JORGE BORNHAUSEN
Senador da República

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES
Gabinete do Ministro

CARTA Nº 069 JGM/MT

Brasília, 29 de maio de 2000

Ilmº Sr.
Gualberto Elias
Rua Irineu Bornhausen, 320
Praia Grande – SC

Prezado Senhor,

Faço referência à correspondência, datada de 24 de março de 2000, na qual Vossa Senhoria solicita a construção de interseções em 3 locais da BR-101, sul do Estado de Santa Catarina.

A respeito, informo que a BR-101/SC, no seu trecho sul precisamente entre Palhoça e a Divisa SC/RS, será objeto de licitação para sua duplicação, no 2º semestre do corrente ano.

No momento, o Projeto de Engenharia encontra-se em fase de análise por parte dos Órgãos Ambientais, bem como pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID. Nele está prevista a construção de viadutos nos locais de acesso aos municípios ligados àquela rodovia, inclusive nos locais pleiteados por Vossa Senhoria.

Contudo, vale lembrar que atualmente todos estes locais são dotados de dispositivos de interseção (trevos).

Quanto à pavimentação da rodovia que liga Praia Grande/SC aos municípios de Itaimbezinho e Camborá do Sul/RS, informo tratar-se de uma rodovia estadual, e como tal, fora da jurisdição federal.

Atenciosamente,


RAIMUNDO DANTAS DOS SANTOS
Chefe do Gabinete do Ministro



SANTA CATARINA

Gabinete do Governador

Florianópolis, 20 de dezembro de 2000

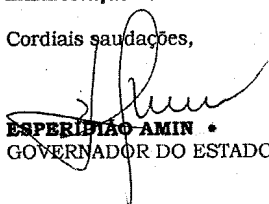
OFÍCIO GG Nº 22088/008.1

Ao Senhor
GUALBERTO ELIAS
Rua Irineu Bornhausen, 320
88990-000 - Praia Grande/SC

Prezado Senhor,

A respeito do assunto de sua carta datada de 14 do mês em curso, que trata do asfaltamento da Serra do Faxinal até a divisa com o Estado do Rio Grande do Sul, informo a Vossa Senhoria que encaminhei o assunto para conhecimento e manifestação do senhor Secretário de Estado dos Transportes e Obras.

Cordiais saudações,


ESPERIDIAO AMIN •
GOVERNADOR DO ESTADO

c:\portafolios\2012\doc



ESTADO DE SANTA CATARINA
Secretaria de Estado da Infra-Estrutura
Gabinete do Secretário

OF/Nº

664/03

Florianópolis, 09 de julho de 2003.

Ilmo. Sr.
G. Elias
Rua Caxias do Sul, 656
95560-000 – Torres/RS

Prezado Senhor,

Acuso recebimento de seu cartão e adesivo, através dos quais manifesta seu anseio pela pavimentação asfáltica da Serra do Faxinal, na divisa do Município de Praia Grande com o Estado do Rio Grande do Sul.

A respeito, informo a Vossa Senhoria que a referida obra está em estudos e tratativas, pelo Governo do Estado de Santa Catarina, com vistas a viabilizar sua inclusão no Programa PRODETUR.

Atenciosamente,

Deputado Edson Bez de Oliveira/Edinho
Secretário

Rua Tenente Silveira, 162 – 2º andar – Centro – Florianópolis/SC – CEP 88010-300
FAX (48) 224-9799/222-0143/222-5316/222-5228/222-5961 - FAX 222-0209
e-mail: gabs@seo.sc.gov.br

AMPS/SGL DO GABINETE 2003/JULHO 2003/OF G ELIAS.doc

Genealogia

Avós Paternos José Elias Fagundes Furtunata Constância da Silva	Avós Maternos Martinho José da Rocha Maria Manuela Borges
---	--

Tios		Tios	
Serafim Pedro Francisco José Ana Manoel Joana Antônio Luiz Maria	Foram batizados na Volta Grande, hoje Jacinto Machado SC.	João Domingos Brígida José Maria Basílio Eufrásia Manuel Bento Martinha Inácio	Eram moradores de Marmeleiro, próximo a Morro Agudo. Foram batizados na Capela de São José do Campo Bom, hoje Cambará do Sul RS.

Pais Francisco Elias e Brígida Sá Elias	
Irmãos Santos, Alberto e Gilberto	
Gualberto e Hercília – Casamento em 12-03-1950	
Filhas Rosita, Ronete e Rosane	
Netos Juliana, Leticia, Ana Paula e Ricardo	Bisnetos Júlia e Arthur